



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
BACHARELADO EM LETRAS PORTUGUÊS

GUILHERME GEORGE DA COSTA ARAÚJO SILVA

**CRÍTICA E TRADIÇÃO: *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA E PORQUE  
ME UFANO DO MEU PAÍS***

Recife  
2023

GUILHERME GEORGE DA COSTA ARAÚJO SILVA

**CRÍTICA E TRADIÇÃO: *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA E PORQUE ME UFANO DO MEU PAÍS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, *Campus Recife*, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Anco Márcio Tenório Vieira

Recife  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Guilherme George da Costa Araújo.

Crítica e tradição: Triste fim de Policarpo Quaresma e Porque me ufano do meu país / Guilherme George da Costa Araújo Silva. - Recife, 2023.  
58 p.

Orientador(a): Anco Márcio Tenório Vieira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2023.

1. Literatura de língua portuguesa. 2. Lima Barreto. 3. Triste fim de Policarpo Quaresma. 4. Afonso Celso. 5. Porque me ufano do meu país. I. Vieira, Anco Márcio Tenório. (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

**GUILHERME GEORGE DA COSTA ARAÚJO SILVA**

**CRÍTICA E TRADIÇÃO: *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA E PORQUE ME UFANO DO MEU PAÍS***

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras (Português) da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras/Português.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Anco Márcio Tenório Vieira (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. André de Sena Wanderley (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à minha família que, apesar das dificuldades, alçaram-me a esse momento. À minha mãe Alyne e vó Arlinda, as mulheres que formaram toda minha integridade, e me ensinaram desde cedo que apenas nos é possível almejar o que queremos por meio do esforço. Aos meus amigos, por me apoiarem em todos os momentos, e por serem minha segunda família. E por todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e me fizeram um profissional e pessoa melhor.

É chegada a hora de reformarmos a sociedade, a humanidade, não politicamente que nada adianta; mas socialmente que é tudo.

Lima Barreto

## RESUMO

A presente monografia, realizando um estudo analítico comparativo, intersecciona e contrasta as obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2019), de Lima Barreto, e *Porque me ufano do meu país* (2001), de Afonso Celso, demonstrando o olhar crítico daquele autor a respeito do projeto de nação empreendido pelas elites brasileiras entre o fim do século XIX e início do XX. Evidenciando a asserção de que ambas as obras bebem da tradição ufanista do romantismo brasileiro, se conceberá um estudo desse período histórico-literário. Sucessivamente, estuda-se como, composta na virada do século, a obra *Porque me ufano* adveio de uma missão formadora e patriótica concebida no Rio de Janeiro, a qual projetava subordinar afetivamente a população. Doravante, ao final da pesquisa, reflete-se que, ao defrontar-se com o quadro utópico de Brasil concebido no opúsculo celsiano, Lima, cevando sua literatura engajada com o social, edifica a cosmovisão e trajetória de seu personagem Policarpo Quaresma, subvertendo, a partir desses, mutuamente a retórica fundacional e o projeto de nação brasileira.

**Palavras-chave:** *Triste fim de Policarpo Quaresma. Porque me ufano do meu país.* Romantismo brasileiro.

## ABSTRACT

This monograph, which is a comparative analysis, intersects and contrasts the works *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2019), by Lima Barreto, and Barreto, and *Porque me ufano do meu país* (2001), by Afonso Celso, demonstrating the author's critical view of the nation project undertaken by the Brazilian elites between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. A study of this historical-literary period will be carried out, highlighting the statement that both works draw from the ufanist tradition of Brazilian romanticism. Next, it will study how, composed at the turn of the century, the work *Porque me ufano* came from a formative and patriotic mission conceived in Rio de Janeiro, which aimed to subordinate the population affectively. From now on, at the end of the research, it is reflected that, when faced with the utopian picture of Brazil conceived in Celso's booklet, Lima, based on his socially engaged literature, builds the worldview and trajectory of his character Policarpo Quaresma, mutually subverting the foundational rhetoric and the project of the Brazilian nation.

**Keywords:** *Triste fim de Policarpo Quaresma*. *Porque me ufano do meu país*. Brazilian Romanticism.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. LITERATURA E NAÇÃO .....	11
3. PERÍODO UFANISTA DA LITERATURA BRASILEIRA .....	13
4. <i>PORQUE ME UFANO DO MEU PAÍS: A REPÚBLICA BRASILEIRA E A MISSÃO FORMADORA E PATRIÓTICA</i> .....	22
5. UTOPIA E A PRÁTICA SOCIAL REPUBLICANA: POLICARPO QUARESMA E A CRÍTICA AO PROJETO DE NAÇÃO BRASILEIRO .....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	54
REFERÊNCIAS.....	56

## 1. INTRODUÇÃO

A presente monografia concebe um estudo comparativo entre as obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Afonso Henriques de Lima Barreto, e *Porque me ufano do meu país* (2001), de Afonso Celso, evidenciando que o autor carioca ficcionaliza criticamente a ideologia desse trabalho teórico.

Ao descrever um personagem – Policarpo Quaresma – como um patriota exacerbado, Lima intertextualiza com o discurso do Conde Afonso Celso. Por meio dessa intertextualidade, Lima ironiza a ideia de Brasil que o conde apresenta em sua obra. Sendo assim, partimos, neste trabalho, do princípio de que a apreensão da realidade brasileira por parte do protagonista, bem como sua cosmovisão, se calça no universo factual.

*Porque me ufano* traduz o discurso de um autor de uma sociedade embebidos na herança deixada pelo romantismo brasileiro, no qual, segundo o historiador Bernardo Ricupero, em seu livro *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)* (2004, p. 23), no processo de emancipação mental do Brasil em relação a Portugal, construiu-se a ideia de nação brasileira através de um percurso político-identitário de parte de sua elite intelectual, econômica, social e política.

Nesse sentido, se evidenciará que os literatos da primeira geração do romantismo brasileiro influenciaram ostensivamente no ufanismo de Celso, isso por terem utilizado da literatura para difundir tal projeto nacional e político, a exemplo de Gonçalves de Magalhães, Manuel Araújo Porto Alegre, Francisco de Sales Torres Homem.

Descompromissados com um retrato preciso da realidade circundante, isto resulta que, mais à frente, já no século XX, (OAKLEY, 2011), Lima irá argumentar que “[...] a literatura e a ciência brasileiras são condenadas por serem ‘fofas’; ou seja, flácidas, insubstanciais, de pouco peso, como todos os sonhos do bovarismo.” (p. 46). Sob essa perspectiva, examinava que no Brasil não existiam aspirações literárias, mas sim ambições pessoais demarcadas, e no cerne dessa sociedade bovarista, os integrantes do cânone literário procuravam modificar o seu ambiente de modo a harmonizá-lo, ficcionalmente, com a sua ilusão do real. Bovarismo este que acontece também com o Afonso Celso, que em uma perdição platônica, na composição de seu opúsculo, obliterou-se no mundo do inteligível em detrimento do sensível.

*Porque me ufano do meu país* não é somente uma obra que se firmou no ideário social brasileiro da Primeira República, ela é uma obra que ainda reverbera na nossa contemporaneidade. Por meio dela, analisaremos como o ufanismo delirante de seu autor fora ficcionalizado dentro do contexto de *Triste Fim*, guiando o seu personagem Quaresma e, por decorrência, a sua orientação ético-cognitiva.

À vista disso, propomos nesta monografia estudar as origens, motivações e consequências de uma problemática que impera até os dias de hoje no Brasil: o nacionalismo ufanista. Perceberemos como esse fenômeno introduziu-se diretamente no ideário social mediante, também, à literatura, observando que este fora perpetuado através de uma intervenção social deliberada que teve início na primeira geração romântica, a qual focalizou no retrato idealizado dos nativos, no amor romântico e no discurso ufanista de maneira a escapar do debate crível a respeito do que verdadeiramente constitui a nação e identidade brasileira. Dito isto, escritor e obra são pertinentes de serem investigados, uma vez que com seu posicionamento visionário em *Triste Fim*, Lima Barreto evidenciou as ausências de uma percepção ilusória do quadro nacional, como sucede na obra de Afonso Celso, e, por meio do Policarpo, manifestou a sua compreensão de que a ideia de nação e de identidade nacional forjadas pelos poetas românticos silenciou, conscientemente, a realidade de certos grupos e estruturas sociais.

Ainda nesta monografia, iremos buscar demonstrar que, ao dialogar com o projeto de nação do Brasil do século XX e com tal tradição romântica brasileira, Lima Barreto faz de forma a subverter tais discursos. Isso transcorre, principalmente, na medida em que a produção apresenta uma profusão de possíveis objetos de estudo em seu interior: sejam seus discursos satíricos, seja pelo olhar crítico sobre as relações interpessoais demarcadas e pelo retrato sócio-histórico preciso do declínio da monarquia e ascensão da república brasileira, tudo isso é realizado por meio de um projeto literário socialmente engajado.

Somado a isso, tem-se que, ao contrastar estas duas formas distintas de conceber a realidade brasileira, se poderá atualizar e fomentar as nuances de ambas as obras. Nesse sentido, mesmo após mais de 100 anos de sua publicação, reitera-se aqui que a obra do triste visionário – bem como o seu projeto literário – está vivificada contemporaneamente ao se distinguir ainda enquanto fonte de debates acerca dos fundamentos da sociedade brasileira. Propondo-nos a perscrutar tais tópicos, satisfaremos o anseio pelo estudo a respeito da herança e período histórico

que foram analisados na obra do Lima Barreto, demonstrando como e de que forma essa forma concretizada para além de tecer críticas à sociedade de sua época, e como ela trouxe à luz um estudo da realidade nacional brasileira vanguardista para sua época.

## 2. LITERATURA E NAÇÃO

Segundo Madame de Staël, a literatura é parte integrante do pensamento intelectual de uma nação (2023). Em seu projeto crítico literário, ela vai analisar a influência que os aspectos sociais exercem na literatura, bem como o movimento contrário se sucede continuamente. Igualmente acreditando no poder de contágio da literatura em relação à sociedade, Lima Barreto irá, por meio de sua literatura autodenominada militante, inspirada nos princípios realistas, transmitir o desejo por uma literatura engajada com questões e temáticas de cunho social, na qual se deverá, pragmaticamente, descortinar as mazelas que imperam em sua nação.

Debruçando-se ao estudo de seu projeto literário, em autores como Antonio Arnoni Prado (2012), R. J. Oakley (2011), Lilia Schwarcz (2017), se desvelar-se-á o potencial revolucionário de Lima nas artes brasileiras, que ao construir sua obra prima *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o faz de forma a explorar a potencialidade que a arte literária tem de alcançar as massas, isso por meio de uma criticidade marginalizada sócio-historicamente. Destarte, é nela que se manifesta a compreensão de que o sentimento nacional, resgatado pela elite ilustrada do Brasil com a ascensão da Primeira República, está fortemente presente em um dos principais símbolos desse movimento histórico: o opúsculo *Porque me ufano do meu país*.

Para a ideia de nação, conceito-chave para entender o que está sendo apresentado em tais produções, iremos nos valer do estudo de Bernardo Ricupero (2004). Através dele, podemos perceber que o ufanismo de Afonso Celso é um resgate, extremado, de uma atitude mental que veio sendo desenvolvida ao longo de todo o século XIX. Nessa operação ideológica se criaram os símbolos em torno dos quais a nação brasileira seria pensada e, a partir daí, se estabeleceu a identidade nacional. Mediante tal ação, temos que, ao fortalecer suas unidades discursivas, os grupos hegemônicos edificaram uma língua política, na qual idealizou-se a situação do Brasil e legitimou-se o sentimento patriótico.

Tendo isso em mente, é por meio destes autores que se destrinchará o Policarpo, para perceber como, com esse resgate crítico, Lima Barreto quis mostrar que ambos os discursos, seja o da tradição romântico ufanista, seja o da versão mais radicalizada dele, evidente em *Porque me ufano do meu país*, são partes da operação na qual criou-se e perpetuou-se uma ideia de nação brasileira que matiza, com muitas

cores, o quadro trágico da realidade nacional.

Para a constituição desta monografia, realizaram-se pesquisas bibliográficas em livros, artigos científicos, dissertações, para que, através de uma abordagem qualitativa, que integra e analisa os dados levantados, lograsse o problema de pesquisa.

A monografia se divide em três capítulos. No primeiro, dar-se-á enfoque ao período ufanista do romantismo brasileiro, identificando as bases desse pensamento, desvelando como a ideia de nação e a constituição da identidade nacional brasileira são estabelecidas a partir dele. Para este fim, utilizaremos, sobretudo, a obra *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*, de Bernardo Ricupero, e Antonio Candido (2000; 2002).

Examinar-se-á, em outro capítulo, a perpetuação radicalizada dessa ideia de Brasil na obra de Afonso Celso (2001) – dado que esta se constitui como uma das representantes do ideário de sua época –, verificando como nela se constrói a realidade social brasileira. Para estudo da Primeira República brasileira se utilizará a obra de Nicolau Sevcenko (1999). Ao analisar o projeto de nação empreendido socialmente nessa república, teremos como base a investigação de Marcelo da Rocha Wanderley, intitulada *Revertendo o Fracasso: Ufanismo, Centenário e o Descobrimto Afetivo do Brasil (1898-1901)* (2023), bem como Zilberman e Lajolo (1989).

Finalmente, evidenciar-se-á o modo pelo qual Policarpo Quaresma também se insere em tal herança romântico ufanista brasileira, mas seu autor assim o faz para subvertê-la. Para isso, como já fora dilucidado, estabelecer-se-ão os pontos de intersecção e contraste entre a construção do personagem e os discursos da obra de Afonso Celso, topicalizando os principais motivos da superioridade do Brasil apresentados por ele em seu opúsculo. Por meio disto, alcançar-se-á o cerne da presente investigação, de desvelar que, para a edificação do Policarpo, Lima Barreto abebera criticamente na ideia de Brasil apresentada por Celso.

### 3. PERÍODO UFANISTA DA LITERATURA BRASILEIRA

Em seu processo de emancipação mental em relação a Portugal, o Brasil, após a Independência, precisava se constituir enquanto uma nação. Tendo como base as ideias de Benedict Anderson, historiador e cientista político marxista, entende-se, por nação, uma “comunidade política imaginada” (2008, p. 32). Ao combinar elementos objetivos e subjetivos, procura fugir aos enfoques unilaterais. Sendo assim, a nação se definiria por uma certa relação entre os homens, organizada politicamente e legitimada por uma maneira específica de pensar.

Na relação entre o Estado e a sociedade civil, a nação insurge enquanto mediação ideológica que confere ao povo a sensação de pertencimento a uma comunidade política maior, pois ao se identificarem com os demais membros de sua nação, sentem-se parte de um “todo” coletivo. Para que haja a formação desta identidade, segundo Antonio Gramsci (1999, p. 222), é necessário que uma das classes se configure enquanto hegemônica. Para que isso ocorra, argumenta que, ao utilizar-se de uma combinação entre a força e consentimento, uma das classes deve elaborar uma vontade nacional popular, congregando outras classes em um mesmo projeto político e cultural com a qual elas possam se identificar, e então elas, juntas, irão integrar um bloco histórico, formando a nação.

Doravante, sendo os intelectuais os organizadores da cultura, irão exercer papel central nesse processo. De acordo com Bernardo Ricupero (2004), “A formação da nação seguirá um duplo percurso: criar-se-ão os símbolos em torno dos quais ela será pensada e, a partir daí, se estabelecerá a identidade comum de seus habitantes. Isto é, a nação é tanto um conjunto de tradições inventadas, ou mais ainda, a invenção dessas tradições, como a crença nelas.” (p. XXIII). Dessarte, serão os intelectuais os responsáveis por estruturar e difundir, nas recém-independentes colônias americanas, por intermédio de uma intervenção política e social deliberada, a ideia de nação.

À vista disso, a nação só será possível de ser pensada após a independência do Brasil, pois mesmo que os colonos espalhados pelo Novo Mundo tomassem consciência de sua situação particular, ainda não possuíam o instrumental mental para pensarem sua realidade como nacional. Deste modo, por estarem imersos na

situação colonial, grande parte do instrumental em que se constituiriam as nações da América Latina decorriam, em grande parte, da Europa, e dos ideais disseminados pela Revolução Industrial e Revolução Francesa, assim como a independência das treze colônias inglesas. O que era pertinente às elites americanas dos ideais de liberdade, igualdade, fraternidade para todos os povos, são importados do Velho Mundo, bem como grande parte da estrutura social, hegemonia, maneiras de refletir acerca da realidade e de estabelecer uma identidade nacional. Como se analisará mais à frente, esse movimento se engendrará na escola do romantismo brasileiro, que será em grande parte transplantado das ideais europeias para o contexto nacional.

Antes de terem uma nação própria, a identidade que se desenvolve entre os colonos americanos durante o período de dominação espanhola e portuguesa é baseada nas diferenças existentes entre eles e os colonizadores. O termo “americano” passa a ser utilizado para distingui-los dos europeus, e entre os indígenas, negros e mulatos, discernem os “espanhóis” e “portugueses”. O quadro de inconformidade brasileiro insurge pelo modo como se sucedeu a conquista portuguesa, dado que eles pretendiam criar, tanto no Brasil quanto na América, uma sociedade de ordens, em que os colonos seriam vassallos do rei, e aqueles que descendiam dos europeus constituiriam parte da aristocracia. Através das capitânicas hereditárias e, mais tarde, com os governos gerais, a insatisfação da aristocracia da terra para com a coroa portuguesa vai se tornando patente, visto que eles percebem que os espanhóis e portugueses recém-chegados detinham mais privilégios sociais.

Isto leva ao nativismo americano, que se desenvolve principalmente após a Insurreição Pernambucana de 1654, com a expulsão dos holandeses das terras brasileiras. No quadro geral do Brasil Colônia, as revoltas nativistas e separatistas desvelam essa insatisfação para com a metrópole, bem como constroem as bases do que mais tarde seria a identidade brasileira:

A partir do final do século XVIII, a difusão das ideias do Iluminismo, ao combinar-se com o “despotismo ilustrado”, dos Bourbons na Espanha e de Dom José I em Portugal, estimulará o desenvolvimento dessa identidade. Mais americanos viajarão pela Europa ou terão acesso a seus livros, que aumentam os acervos das poucas livrarias e bibliotecas existentes, fundam-se Academias e Sociedades Literárias, que congregam os não muito numerosos intelectuais, criam-se jornais, etc. (Ricupero, 2004, p. 30)

Ao estarem em contato com os escritos europeus, se torna cada vez mais perceptível o desenvolvimento dos ideais iluministas nas colônias americanas, mesmo que, no caso do Brasil, insurgissem apenas a nível regional. Com a frutificação dessas

ideias, as colônias sofrem uma maior intensificação do controle metropolitano, caracterizando praticamente uma segunda conquista, decorrendo no aumento do número das tropas estacionadas na América, em uma pressão fiscal intensificada, criação de novos monopólios, e sobretudo, resulta na expulsão da Companhia de Jesus dos domínios de Espanha e Portugal.

De acordo com Antonio Candido, no que tange à literatura,

foi, no século XVIII, bastante associativa, tanto na fase final do Cultismo quanto na da reação arcádica. Os letrados tendiam a reunir-se em agrupamentos duradouros ou provisórios, - seja para cumprimento a longo prazo de um programa de estudos e debates literários, seja para comemorar determinado acontecimento. (Candido, 2000, p. 73)

Nesse sentido, a existência e pretexto para a constituição dos agrupamentos literários, mesmo os de caráter duradouro, eram contingentes e fortuitas, pois o elemento comemorativo imperava sobre a pureza dos tipos. Entretanto, detêm sua importância na definição embrionária do status e papel do escritor no Brasil, e ao reuni-los em uma associação literária que estimulava, também, por meio de uma consciência de grupo entre os homens cultos que produziam literatura, o esboço de uma *Inteligência* brasileira. Ademais, vistas da perspectiva de consumo, as agremiações proporcionaram a formação de um relativo público para as produções literárias, na medida em que os integrantes dos consócios e atividades gremiais constituíam um auto público.

Doravante, na literatura e ciência, as ideias da Ilustração brasileira, após o período da reforma pombalina, resultaram na adoção de novos pontos de vista, na reação contra a tirania intelectual do clero e no nativismo. Tal literatura de homenagem a Marquês de Pombal, “[...] teria raízes de interesse e lisonja; mas o certo é que habituou os intelectuais a prezar a renovação mental, a acreditar na força organizada para modificar a sociedade, a afastar-se do fator clerical mais duramente passadista, pela eficiência de sua ordenação [...]” (Candido, 2000, p. 63). No período do pombalismo literário, surgem obras como *O Uruguai* (1789), de Basílio da Gama, de cunho antijesuítico, *O Desertor* (1771), de Silva Avarenga, com seus princípios à reforma intelectual, e *O Reino da Estupidez* (1785), de Francisco de Melo Franco, no protesto contra a reação do tempo de D. Maria I (Candido, 2000). Em suas preocupações, tanto as agremiações quanto as produções de caráter neoclássico consagraram atenção marcada à colônia brasileira e reforçaram o sentimento nativista.

Todavia, por não deterem o instrumental mental necessário para pensar a nação brasileira, “[...] As identidades que surgiram entre os colonos antes da independência não eram ainda autoconscientes, formando-se principalmente em contraste com a situação das metrópoles e dos metropolitanos” (Ricupero, 2004, p. 33). Sendo assim, esse período naturalmente contribui, em certos aspectos, ao reforço de padrões dominantes, fazendo com que, conjuntamente às ideias iluministas e às ideias modernas europeias, suas produções girassem quase sempre em torno da devoção religiosa, da lealdade monárquica, do respeito à hierarquia social. No Brasil Colônia, até o surgimento da Academia Científica do Rio de Janeiro, em 1771, ainda representavam, junto às agremiações, um reforço da política de imposição da cultura erudita europeia. Como argumenta Ricupero, *O Uruguai* é inclusive simpático à coroa portuguesa ao retratar os padres da Companhia de Jesus como os principais vilões, e, no *Caramuru* (1781), obra deste período, ao estilo camoniano, se pretende glorificar a obra dos portugueses na América (2004).

A Ilustração brasileira, contudo, ganha verdadeiro impulso com a chegada da família real portuguesa, em 1808. A ideia da transferência da corte para a América já esteve presente desde o século XVI, porém ganha força no contexto das invasões napoleônicas, como opção de manutenção da coroa portuguesa. A partir disso, o Brasil conheceu a sua Época das Luzes, o que viabilizou o seu desenvolvimento social, cultural e intelectual, e acarretou na independência. Transcorre, no início desse século XIX, o surgimento de sua imprensa, com a publicação de *O Patriota*, revista do Rio de Janeiro, e de *O Correio Braziliense*, editado em Londres.

Após a independência brasileira, que se justifica a partir da lógica iluminista europeia, tornou-se preciso que as colônias da América Latina se constituíssem enquanto nações, autoconscientes em relação à antiga metrópole. Para isto, primeiramente deveriam se criar, nas regiões, instituições que desempenhassem as funções atribuídas ao Estado. Foi assim que, no Primeiro Reinado brasileiro, as elites intelectuais, econômicas, sociais e políticas se estabeleceram enquanto aparelho estatal.

Diferente do que ocorre nas outras colônias da América Ibérica, como a Argentina, a emancipação política do Brasil se deu relativamente sem ruptura violenta, inclusive sendo Dom Pedro I, um dos integrantes da família real portuguesa, a continuar no poder ao proclamar a independência. À vista disso, a rejeição ao passado colonial português é menor no país, e mesmo que nos primeiros anos que a sucedem

os nativos nutram certa antipatia pelos portugueses, se estabelecerá uma identidade brasileira que não pode rejeitar a obra realizada pela antiga metrópole. “Portanto, a exemplo do que ocorre na sociedade, na economia e na política, não há nas letras choque tão grande entre o novo e o antigo, mas um arranjo, que faz dos românticos – brasileiros – herdeiros diretos dos neoclássicos.” (Ricupero, 2004, p. XXXV). Tendo isso em mente, o que se torna perceptível a respeito dessa literatura, é que ainda se busca legitimação cultural fora do país, precisamente, em autores e ideias europeias.

Os românticos europeus precisamente percebem que as nações não insurgem naturalmente, elas terão que ser construídas. Como projeto deliberado, tais escritores pertencentes ao romantismo, tanto na Europa quanto na América, criam os símbolos do que passará a constituir e diferenciar tais nações.

Deste modo, ao inspirar-se no romantismo europeu, precisamente, francês, a elite intelectual do Segundo Reinado brasileiro percebe que para aqui existir uma nação, autoconsciente e emancipada, era necessário que houvesse literatura e historiografias propriamente brasileiras. Para este fim, se embebem de autores estrangeiros, e dessa maneira, respectivamente crítica literária e historiografia romântica brasileiras são fundadas por eles: o francês Ferdinand Denis, os ingleses Robert Southey e John Armitage, e o bávaro Karl Friedrich Phillip von Martius.

Destes autores, a principal fonte de inspiração para concretizar-se a emancipação literária do Brasil foi Ferdinand Denis, que

[...] já em 1826, quatro anos depois da independência, propõe com seu *Resumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du resumé de l'histoire littéraire du Brésil*, o problema que nos anos seguintes preocupará quase todos os intelectuais brasileiros: a necessidade de realizar a independência literária do Brasil. [...] A literatura teria que procurar ser original, rejeitando os mitos gregos, que não estariam “de acordo nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições” locais. Além do mais, os povos exterminados pelos europeus poderiam fornecer inspiração, sob a forma de fábulas misteriosas e poéticas. Isto é, Denis sugere, pouco depois da independência, o programa indianista que tanto marcará o romantismo brasileiro. (Ricupero, 2004, p. 37)

Nesse sentido, na literatura, para o estabelecimento de um cânone nacional brasileiro, parte do que fora produzido, em poemas como o de Basílio da Gama (1769) e Santa Rita Durão (1781) serviriam de inspiração no que dizia respeito à temática indígena; no presente, citou o livro *Cenas da natureza nos trópicos* (1824), no qual se insere seu conto indianista *Les Machacalis*. Desse modo, esses apresentavam o gérmen do que poderia vir a ser uma literatura brasileira autogerida e autoconsciente na medida em que davam realce ao indígena e à descrição da natureza brasileira e,

somadas às novas produções de mesmo caráter, constituir-se-iam os símbolos da identidade nacional.

Iniciativa cultural que ocorre em meados do século XIX, este conjunto de tradições são inventados. Sendo assim, as elites brasileiras, logo após a independência, realizaram uma intervenção deliberada na qual se utilizaram da literatura para criar e difundir uma ideia de nação. Sob essa ótica, em seu processo de emancipação mental em relação a Portugal, a literatura foi a ferramenta essencial através da qual escritores brasileiros constituíram tal ideia de nação.

Assim como fizeram os românticos europeus, embebidos nas teorias da francesa Madame de Staël, na construção dessa identidade se sustenta o princípio romântico da “cor local”, de que a literatura de uma nação deveria refletir a realidade social de seu povo, transparecendo suas características específicas. Ao copiar-se o ideal de arte dos greco-romanos, se teria uma literatura sem originalidade e inautêntica:

Um entusiasmo refletido, uma exaltação pura podem igualmente convir a todos os povos; é a verdadeira inspiração poética cujo sentimento está em todos os corações, mas cuja expressão é dom do gênio. Ela suscita um sonho celeste que faz amar o campo e a solidão; [...] deve estimular nos seres privilegiados o culto das virtudes e a inspiração de pensamentos elevados (Staël-Holstein, 2023, p. 168-169)

Tendo isso em mente, era necessário edificar uma arte de caráter local, com as cores da nacionalidade, por meio de uma criatividade que fundisse a essência humana com o gênio do escritor. A partir disso, em um quadro geral, a exaltação da figura do indígena, bem como de sua cultura, insurge enquanto resultado do resgate histórico proposto no pós-independência, a um passado anterior à dominação portuguesa. Metaforicamente, o indígena, em sua pureza, honra e viço, representava a encarnação de uma nação, agora emancipada, em todo o seu porvir. À vista disso, no Brasil, a atenção se volta para o passado, empreendendo uma ação de descoberta da origem cultural brasileira, transposta na figura idealizada desse indígena, mito da fundação nacional. A escolha do indígena como um dos símbolos de nacionalidade transcorre, principalmente, do fato de que, por ter sido praticamente dizimado, os poetas poderiam moldá-lo ao bel prazer em suas produções, para assim expressar suas ideologias e visões de mundo.

Como demonstrado, os escritores da primeira geração do Romantismo brasileiro adotaram amplamente os critérios literários apresentados por Denis em seu *Resumo* (1968), fato que ocorreu gradativamente. Fora na poesia que suas ideias

repercutiram ao adotar-se o indianismo, e sobretudo o nacionalismo ufanista, baseado na descrição das belezas naturais e na recriação de um passado originário. Esse particularismo e excentricidade propostos pelo autor adequou-se perfeitamente ao anseio da elite intelectual por se desvincular a identidade brasileira da portuguesa, e conseqüentemente, defini-la em sua diferenciação.

Doravante, baseados nesse ufanismo patente, a primeira geração do Romantismo brasileiro tem início com o surgimento da Revista *Niterói*, periódico publicado em Paris no ano de 1836, que tem como integrantes os brasileiros Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel Araújo Porto alegre e Francisco de Sales Torres Homem, e já em seu título – palavra de origem indígena – prenunciava o programa indianista que caracterizaria a literatura desse período. De acordo com Antonio Candido, já no primeiro número da revista, Gonçalves de Magalhães, ao retomar Denis, publica o *Ensaio sobre a história da literatura brasileira*, no qual traçou o programa renovador, que se completava no prefácio do livro *Suspiros poéticos e saudades* (1863), considerado na contemporaneidade como ponto de partida para a transformação literária e precursor de uma literatura propriamente brasileira (2002, p. 26).

Desvelando-se enquanto manifesto do romantismo brasileiro, o prólogo de *Suspiros poéticos e saudades* evoca um poeta que indica no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos, e desta forma, se define enquanto porta de abertura para uma literatura propriamente nacional. Ao mesmo tempo em que pavimenta o caminho, Gonçalves de Magalhães atribui a missão para os seus contemporâneos que carregam o mesmo anseio. Se cada paixão requer uma linguagem própria, no orquestramento da pátria-mãe, o autor focaliza na temática do nacionalismo, indianismo, idealização da natureza e do real, e do individualismo como formas de expressar a essência da nação brasileira.

Outra importante produção do autor que contribuiu para a estética indianista foi *A Confederação dos Tamoiós* (1856), poema épico dividido em dez cantos que narra a rebelião de um grupo de indígenas contra o colonizador português, e foi inspirado em um fato que ocorreu no Brasil no século XVI. O livro teve patrocínio de Dom Pedro II, que na época escreve em defesa de Magalhães utilizando o pseudônimo “O amigo do poeta”. Nesse sentido, é perceptível que

O comedimento de Magalhães contribuiu para dar ao nosso Romantismo inicial um ar de respeitabilidade, que tranqüilizou a cultura oficial e evitou choques, operando uma transição branda e quase sempre trivial, na qual

pareciam importar principalmente o desejo de autonomia e o sentimento patriótico, bem-vindo por todos. Por isso é possível dizer que esse Romantismo inicial foi sobretudo programático e conviveu bem com a tradição. (Candido, 2002, p. 29)

Sendo um poema que canta, em épico, os feitos desse grupo indígena dos Tamoios, ele não apresentava uma ruptura direta, em sua forma, com o que vinha sendo feito anteriormente, caracterizando-se mais como uma obra de recepção do romantismo no Brasil, ainda vinculado a um certo neoclassicismo.

Ademais, outro romântico fundamental para o movimento nas letras brasileiras fora Gonçalves Dias, autor de *Primeiros cantos* (1847), *Segundos cantos* (1848), *Últimos cantos* (1851), obras essenciais para o desenvolvimento da poesia moderna e na consolidação dos símbolos que formariam essa identidade, porque traziam um projeto de qualidade sobre o tema do índio e o particular da realidade brasileira, concretizando o princípio romântico da *cor local*. Como argumenta Candido, o conjunto da obra de Gonçalves Dias fora a primeira de elevada qualidade depois dos árcades do século XVIII, tanto pela sua concepção quanto escrita (2002). Seus poemas indianistas construíram uma imagem arbitrária do indígena, visto que o autor objetivou transparecer nele sentimentos e emoções comuns a todos os indivíduos, acreditando que nessa mutabilidade residiria a verdadeira natureza humana. Nesse sentido, percebe-se que a figura do indígena vai se metamorfoseando no decorrer do pós-independência para se adequar à cosmovisão de seus autores e desempenhar diferentes funções ideológicas. Dias é um dos que, sendo ele mesmo mulato – filho de português e mãe cafuza –, no período da Regência arquiteta um indígena embebido na mestiçagem, como um nativo que se mistura ao europeu, para versar também sobre a condição do mestiço na sociedade brasileira.

Destarte, em seu texto em prosa *Meditação* (1849), publicado na revista *Guanabara*, o autor faz uma análise precisa da condição indígena no Império brasileiro, como também dos negros escravizados. Através do esforço realizado pela inteligência brasileira no Império para separar a questão indigenista e o movimento indianista, percebe-se que essa ação deliberada ocorre para que se esconda a verdadeira situação do indígena nessa sociedade. Se porventura realizassem na literatura um recorte preciso da realidade vivenciada por esses grupos, que revisasse a história colonial e reavaliasse a sua política de extermínio, isso, conseqüentemente, acarretaria comparações entre a situação do indígena e do negro, desvelando a marginalização sofrida por esses grupos sociais no Brasil. Como argumenta Treece

em seu estudo, nesse texto em prosa

[...] o poeta Gonçalves Dias elaborou uma visão apocalíptica do sistema político e social do Império, relatando em registro bíblico a ascensão e eventual destruição de uma espécie de babilônia americana. Nessa visão, o índio e o negro ocupam os anéis respectivos de um sistema solar, grupos periféricos e subjugados girando em torno de um centro de poder cuja estabilidade parece ameaçada pelo rompimento desse equilíbrio gravitacional tão frágil. (2003, p. 143)

Era preciso que os indígenas retratados fossem idealizados para que, em sua alienação, tanto ele quanto os negros continuassem sendo mantidos reféns desse centro de poder, representado pela elite. Como afirma Bosi (2015, p. 115), torna-se perceptível que, dando viabilidade aos temas e problemáticas nacionais de forma lúcida, “A lírica de Gonçalves Dias singulariza-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor exprimiu o caráter mediador entre os polos da expressão e da construção. [...] é o clássico do Romantismo: enquanto fonte de temas e formas da segunda e terceira geração”.

Outrossim, autor e político essencial para a compreensão da geração ufanista do romantismo brasileiro, José Martiniano de Alencar, com sua *Iracema*, publicada em 1865, edifica o que fora fundamentada como a obra primordial a respeito do mito da fundação nacional. Simboliza através da personagem indígena a sua pátria-mãe. Diferente de certa atitude mental de sua geração, Alencar, já no século XIX entendia que a identidade brasileira não se separava da portuguesa, mas com ela se miscigenava. Assim, com sua personagem Iracema, reverbera que a nossa alma é fruto da soma de tantas outras, inglesas, francesas, holandesas, que as embebem, as invadem, as constituem.

No prefácio de seu romance *Sonhos d'ouro* (1959, p. 697,698) o autor demonstra uma pungência na análise crítica da literatura feita no Brasil, ao perceber que estaria situada em sua terceira fase: “[...] a infância de nossa literatura, começada com a independência política, ainda não terminou; espera escritores que lhe deem os últimos traços e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretensões hoje tão acesas, de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço.”. Nesse sentido, percebia que a vertente indianista era só uma das formas de concretizar uma literatura de alma nacional, e compreendia a necessidade de as produções saírem do âmbito das florestas para a intimidade da vida social. Sob esse prisma, em seus romances históricos, concebe um estudo do Brasil oitocentista, que manifesta formas diferentes de conceber essa realidade, em obras como *Lucíola*

(1862), *Diva* (1864), e a própria *Sonhos d'ouro*. Em seu projeto literário, entendia que ao embeber de outras culturas, fundidas entre si, formariam-se novas tonalidades, que no fim se diluiriam para formalizar a essência nacional.

Ademais, no que tange à historiografia, uma associação erudita fora essencial para sua constituição no país: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Fundado dois anos após a *Niterói*, em 1838, o instituto mantinha relação estreita com o imperador Dom Pedro II, e também foi extremamente importante na constituição da identidade brasileira, pela promoção das ideias do romantismo, com a reunião de poetas que versavam em suas produções a respeito da temática indianista. Na reescritura desse passado histórico, o IHGB tem papel fundamental, pois “[...] seleciona-se entre os acontecimentos e as estruturas do passado aquilo que pode dar suporte a uma narrativa que dote de significado a experiência da comunidade nacional” (Ricupero, 2004, p. 113). Sobretudo, a recriação da história é uma importante estratégia concebida pelos grupos político e intelectualmente dominantes para legitimar sua ideologia. Nesse caso, o instituto, ao promover premiações em que selecionavam as melhores narrativas acerca da historiografia brasileira, delimitavam aquelas que mais satisfatoriamente se adequavam ao seu ideal de nação, as quais evidenciassem uma idealização do indígena, a eloquência e grandeza dos nossos escritos e das belezas naturais, e um retrato da realidade nacional que condiziam com os seus.

Sendo assim, ao criarem os símbolos em torno dos quais a nação deveria ser pensada, o projeto político empreendido pela geração ufanista da literatura brasileira, com autores inspirados no romantismo francês, inaugura uma literatura e historiografia brasileiras autoconscientes. Foi na busca pelo que diferenciava a nação recém-independente de Portugal que os românticos brasileiros fizeram um resgate histórico do indígena, bem como um projeto literário e político marcado pelo patriotismo exacerbado e exaltação do nosso território. O sucesso da iniciativa romântica brasileira se dá pela ausência de uma identidade nacional antes deles.

#### **4. PORQUE ME UFANO DO MEU PAÍS: A REPÚBLICA BRASILEIRA E A MISSÃO FORMADORA E PATRIÓTICA**

A Primeira República do Brasil, após a proclamação, foi um período marcado por contínuas crises políticas, sociais e econômicas. Conforme a historiografia, o quadro geral de instabilidade fora devido ao reajustamento social implementado nessa estrutura política em terras brasileiras, que resultou na perseguição aos grupos que constituíam o Império, bem como aos opositores desse novo regime. Ao promover a política do Encilhamento, através do então Ministro da Fazenda Rui Barbosa, objetivou-se estimular a industrialização e o surgimento de novos comércios, e ao conceder empréstimo livre à população, fora desencadeada uma grave crise econômica no Brasil.

Com o desenvolvimento da república em terras brasileiras, sucedeu-se a conversão ampla da nova elite econômica, ao serem concedidos, por meio de uma seleção política, capital financeiro, títulos e recursos à burguesia. A insurgente classe hegemônica do regime republicano detinha como características um conservadorismo arejado e ambição demarcada ao financeiro. De acordo com Nicolau Sevcenko, esses Homens Novos darão o tom geral à ordem que se criava:

No decorrer do processo de mudança política, os cargos rendosos e decisórios – antigos e novos – passaram rapidamente para as mãos desses grupos recém-chegados à distinção social, premiados com as ondas sucessivas e fartas de “nomeações”, “indenizações”, “concessões”, “garantias”, “subvenções”, “favores”, “privilégios” e “proteções” do novo governo. O revesamento das elites foi acompanhado pela elevação do novo modelo de burguês argentário como o padrão vigente do prestígio social. (1999, p. 26)

Embanhados no que Sevcenko denominará arrivismo sôfrego e incontido, no aproveitamento da penetração intensiva do capital estrangeiro (1999, p. 26), a elite engendrou um inconsequente e pernicioso desenvolvimento social no Brasil, refletido na então capital do país, a cidade do Rio de Janeiro. Instaurou-se nesse sentido uma obsessão da nova burguesia em fazer com que o Brasil acompanhasse a todo custo o progresso do Velho Mundo, seja em sua vestimenta, arquitetura das cidades, em parte de seus ideais.

Enquanto espelho da sociedade brasileira, o Rio de Janeiro presenciará a transformação de seu espaço público, sua mentalidade e costumes. A metamorfose da cidade assistirá a quatro princípios fundamentais: a condenação daqueles hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade; um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com

Paris (Sevcenko, 1999, p. 30). No processo denominado Restauração, tem-se apresentado o ritmo das classes hegemônicas na corporificação de uma nova ordem social.

Sob esse prisma, serão demolidos os casarões do Brasil Império e Colônia, e as populações pobres que neles habitavam foram expulsas para que se construíssem novos acessos, como a Avenida Central, inaugurada em 1904, ruas, praças e jardins ao estilo europeu. A arquitetura da cidade fora modificada, os mestres-de-obras foram condenados para que houvesse a valorização de arquitetos com formação acadêmica, inspirados na *Art-Nouveau*. As vestimentas femininas e masculinas teriam como base a última moda europeia. Para congregar tudo isso, houve a Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908, que ostentou para outros países uma larga perspectiva de produtos da agricultura, indústria, pastoril e artes brasileiras.

Doravante, em tal quadro de desenvolvimento social, a literatura e historiografia brasileiras do início do século XX assistiram ao florescimento contínuo de um sentimento patriótico exacerbado, sendo mobilizadas enquanto ferramentas de disseminação desta maneira de apreender a realidade nacional. Ao apropriar-se de ambas, a elite intelectual, enquanto grupo hegemônico, edifica uma vontade nacional popular, baseada no projeto positivista que acreditava no ascendente progresso da nação brasileira. Tal projeto serve ao propósito de fazer com que as camadas populares e nações estrangeiras acreditassem no ininterrupto desenvolvimento que se sucedia na nação brasileira deste século, e assim mascarar as crises da época, legitimando a ordem da república.

Nesse sentido, como evidencia o historiador Marcelo da Rocha Wanderley no estudo desse período<sup>1</sup>, as comemorações do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil foram um dos principais movimentos que essas elites empreenderam para consubstanciar, no ideário social, os avanços os quais a sociedade estava passando naquela época:

Através de uma visão ufanista e moralizadora, os valores transcendentais da Nação, da Terra, da família, da História foram intensamente deificados, ainda mais diante de um quadro de dissolução das expectativas e insatisfação com os rumos tomados pela República, sublinhada pela historiografia sobre o período. Sobre o pano de fundo da interpretação moralizada, firmou-se a necessidade da celebração pública da pátria, exatamente no momento em que os intelectuais da República percebiam a persistência de inúmeras incertezas, indeterminismos e de uma instabilidade paralisante, apesar dos

---

<sup>1</sup> *Revertendo o Fracasso: Ufanismo, Centenário e o Descobrimento Afetivo do Brasil (1898-1901)* (2023)

pactos políticos orquestrados com vistas a superar as tensões e os problemas de governabilidade. (2023, p. 57)

Sendo assim, tais comemorações insurgem sob os signos do ufanismo, com vistas à exaltação da nação brasileira. Têm o intuito de reversionar publicamente os símbolos da tradição, ativando e reativando os principais momentos da história brasileira, interpretando-os à sua maneira. Ao mesmo tempo em que fazem uma reativação do passado, aprecia-o a partir de temas e símbolos que lhes são contemporâneos: os valores da Nação, Terra, família, História são alterados de acordo com as demandas do presente. Com isso, visam fundamentar uma crença otimista no futuro, por conseguinte concebem uma percepção unitária dos séculos, justificando evolutivamente as mudanças sociais. Ademais,

São objetivadas como momentos de recordação histórica coletiva, porém com isso, acabam reordenando o seu sentido geral, os valores e os múltiplos significados institucionalizados anteriormente. Desse modo, adquirem funções múltiplas: a de síntese, hierarquização, atualização ou revalidação do conjunto de interpretações propostas em outras comemorações, **assim como das tradições e das memórias dos grupos sociais**. Entretanto, revelam uma nítida propensão para a criação de novas formas de celebração, novas abordagens e para a eleição de novos temas; (Wanderley, 2023, p. 53, grifo nosso)

Sob esse prisma, em contraste à perspectiva dos autores da geração ufanista do romantismo brasileiro, à missão civilizatória da República, intensificada durante as comemorações do quarto centenário, pouco importava o retrato de Brasil que focalizasse no indígena como o supprassumo e origem da nacionalidade. Assim, no final do século XIX, impuseram a todos os elementos de exotividade a adaptação ao dinamismo social, ao progresso extensivo e técnicos os quais as sociedades europeias estavam experienciando. Para a solidificação do projeto civilizatório brasileiro o indígena foi colocado em segundo plano como parte integrante da identidade nacional, mas agora mesclando-se a outros símbolos de maior relevância.

Em um plano geral, no projeto empreendido pelas comemorações para a consolidação dos novos símbolos, o engajamento e mobilização social deveriam ser intensos. Para a receptividade dessa história coletiva, foram ostentados enunciados e categorias que estimulavam uma unidade em seus propósitos, veiculados a partir de uma ampla gama de recursos de transmissão, como as associações comemorativas, festas, cortejos cívicos, exposições, monumentos, imagens, imagens pictóricas, objetos de intenso uso cotidiano, a imprensa, os anúncios comerciais. Sobretudo, a literatura fora um dos principais instrumentos manipulados, com a

edificação de textos de caráter ufanista, que concebiam uma missão civilizatória e patriótica ao povo brasileiro.

Assim como os outros recursos, para que não houvesse obstáculos à sua compreensão, a literatura fora mobilizada de maneira simplificada e popularizada, sendo arquitetadas e difundidas em escolas de ensino primário obras que transmitiam essencialmente os novos tópicos da identidade nacional:

Concebidos para as aulas de formação moral e cívica nas escolas do distrito federal, tornaram-se veículos de contínua divulgação da visão generosa sobre o país, dessa vez formulada partindo de tramas simples, quase padronizadas, onde a linha de argumentação, calcada no sentimento ufanista, induzia o leitor a captar intuitivamente o sentido inaudito da pátria. O compromisso com determinados temas, muito além de uma manifestação ideológica, expõe o movimento contínuo de revalidar o sentido idílico de unidade, continuidade e de coerência para os membros do grupo. (Wanderley, 2023, p. 118)

Possuindo caráter legitimador e didático, promoviam para o público infantil e juvenil das escolas, em seus temas, o retrato de uma natureza dadivosa e hostil, a grandeza territorial, a formação épica e o papel da sociedade brasileira no contínuo progresso dessa nação. Importante observar que esse movimento já vinha sendo trabalhado desde os românticos brasileiros, que com o propósito de dotar uma literatura propriamente nacional, viabilizaram as bases das literaturas infantil e juvenil brasileiras, inspiradas nesse sentimento nacional.

Sobretudo, concebendo um quadro geral da sociedade brasileira à época, como analisa Zilberman e Lajolo, entre o fim do século XIX e início do século XX, com a modernização e urbanização das cidades, aumento de sua população urbana, “o fortalecimento das classes sociais intermediárias entre aristocracia rural e alta burguesia de um lado, escravos e trabalhadores rurais de outro, entra em cena um público virtual” (2007, p. 25). Em princípio esses grupos serão favoráveis ao consumo de literatura, pois isso espelhava um padrão de escolarização e cultura com os quais esses novos segmentos sociais desejavam apresentar-se em relação a outros grupos, identificação (com a alta burguesia), e diferenciação (em relação aos núcleos humildes dos quais provieram) (Zilberman e Lajolo, 2007). Destarte, o quadro geral da nação possibilitou o êxito do movimento empreendido pela organização do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil em difundir uma literatura civilizatória.

Ao estudarmos o período, torna-se lúcido que, no Brasil, a literatura infantil e juvenil já vinha sendo concebida um pouco antes do fim do século XIX. Para galgar este novo público literário que se formou com a urbanização das cidades e aumento

da população urbana, transplantaram-se temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira, com a missão formadora e patriótica:

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, Contos seletos das mil e uma noites (1882), Robinson Crusóe (1885), Viagens de Gulliver (1888), As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen (1891), Contos para filhos e netos (1894) e D. Quixote de la Mancha (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896) e nas Histórias da baratinha (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma. (Zilberman e Lajolo, 2007, p. 27)

Também é no fim desse século e início do XX que são publicados livros como *Contos Infantis*, de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, publicado em 1886; *Os Contos Pátrios* (1904), editados por Olavo Bilac e Coelho Neto; *Histórias da nossa terra* (1907), de Júlia Lopes de Almeida, e *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, que encerram o primeiro período para a literatura infantil brasileira. Deste modo, percebe-se que as comemorações do centenário serviram ao propósito de intensificar e concretizar, em contexto mais amplo e massivo, o consumo e criação dessa literatura infanto-juvenil brasileira.

Doravante, considerada como a produção mais representativa das celebrações do Quarto Centenário de Descobrimento do Brasil, tanto pelos temas que evoca quanto em suas preocupações, sobressai-se o opúsculo *Porque me ufano do meu país*, de Affonso Celso, publicado em 1900. Obra característica da atitude mental do *ufanismo*, no qual se acreditava que as grandes nações não se sobressaem às pequenas. Enquanto projeto deliberado das elites, corrobora na esteira das literaturas de caráter cívico-pedagógico, que, como fora visto, buscavam disseminar, através de sua linguagem de fácil compreensão, o sentimento patriótico à nação brasileira: “Quero que consagreis sempre ilimitado amor à região onde nascestes, servindo-a com dedicação absoluta, destinando-lhe o melhor da vossa inteligência, os primores do vosso sentimento, o mais fecundo da vossa atividade — dispostos a quaisquer sacrifícios por ela, inclusive o da vida. (Celso, 2001, p. 29). Destarte, a obra foi massivamente divulgada e tornou-se leitura obrigatória, à época, nas escolas de ensino secundário, tendo sido editada e traduzida para diversos idiomas, vendendo milhares de exemplares e se consolidando enquanto cartilha de nacionalidade.

Ao argumentar que sobejam motivos para que se tenha orgulho do Brasil, o opúsculo conta com cerca de 200 páginas e 42 capítulos, nos quais se destrincharão

onze argumentos e motivos da superioridade e excelência brasileira, sendo eles a sua grandeza territorial, a beleza da terra, sua riqueza, a amenidade do clima, a ausência de calamidades, excelência dos elementos que entraram na formação do tipo nacional, os nobres predicados do caráter nacional, nunca sofreu humilhações, nunca foi vencido, o procedimento cavalheiresco e digno com outros povos, as glórias que seu futuro reserva e, por fim, sua história. Através da retórica, o autor argumentava que a nação brasileira poderia ser confrontada com qualquer outra nação do mundo.

Em um plano geral, como bem argumenta Wanderley:

As imagens descritas ou enunciadas, difusas em diferentes tipos de obras produzidas ao longo do século XIX no Brasil - das histórias do Brasil à literatura cívica - apontam para a tendência comum entre uma boa parte dos divulgadores envolvidos com a questão nacional: a valorização dos temas edênicos, idílicos e épicos nas formulações acerca do país. Sua seleção e adoção como estratégia de representação buscava acentuar a aura do objeto evocado, insinuando-o como uma entidade paradigmática. (2023, p. 116)

Por conseguinte, o sentimento patriótico da obra posiciona a nação brasileira, objeto representado, enquanto entidade exemplar, a qual se deve devotar os seus anseios, sua crença, suas esperanças, pois defende um futuro ostensivo e progressivo que está reservado a ela. Em seus temas, percebem-se as entidades da nação, povo, identidade, e a idealização das estruturas e organizações sociais, em uma pintura nuançada, utópica e controversa do quadro nacional.

Destarte, ao examinar a civilização brasileira, Celso manifestava a mistura étnica desse povo, entre indígenas, negros, portugueses e o mestiço, traçando também uma rasa e ilusória psicologia dos mesmos. Nesse sentido, tanto o conde quanto os outros escritores do Centenário, objetivando legitimar novas tradições e perspectivas acerca do caráter nacional, declaravam a capacidade do tipo brasileiro em ajustar-se à civilidade ritualística. Mais do que apresentar e ressignificar suas identidades, na crise das tradições brasileiras da Primeira República, por meio de tais obras de cunho missionário, as elites, representadas pelos autores, subordinarão afetivamente a sociedade e as comunidades que as constituem com motivos, desígnios e razões para concretizar a missão formadora e patriótica que lhes foram incumbidas. Neles são depositadas expectativas, para que assim realizem ações. Através disso, constituem um ideal de ordem cívica, em que não haja rupturas; já que fazem parte de uma mesma comunidade, detêm uma mesma identidade, aproximando-se de uma sociedade associada ao conceito familiar pela domesticidade de suas relações e interações.

Doravante, é possível assistir na obra de Afonso Celso um resgate da tradição ufanista do romantismo brasileiro, porém aqui alçada à última instância, em uma ode à nacionalidade. Na apreensão da realidade nacional, ambas as correntes concebiam uma perspectiva ilusória do quadro geral, insinuando a nação enquanto entidade paradigmática e valendo-se da temática do patriotismo. Mutuamente, temos que os valores disseminados nestas produções eram os da ilustração brasileira, contudo em *Porque me ufano* tais valores se baseiam no projeto de formação da nascente república, que se utilizou de uma literatura cívico-pedagógica para fortalecer o caráter nacional. Enquanto isso, no primeiro período do romantismo tiveram de ser edificadas a ideia de nação e identidade brasileira, então os intelectuais precisaram deliberar primeiramente os símbolos da nacionalidade, e implementá-los no ideário social. Para isso, como fora estudado, se voltaram a um passado mítico, originário, focalizado na figura do nativo, que seria superado, mais tarde, pelo projeto das elites republicanas brasileiras, que objetivaram moldar uma sociedade desenvolvida, moderna, industrial, fora das selvas.

O opúsculo do conde bebe diretamente da tradição ufanista, formulando a ideia de Brasil a partir de temas idílicos e épicos, referenciando inclusive a autores românticos:

[...] no dizer de Alencar, incomensuráveis savanas nuas de face impassível, sem rugas nem sorrisos, atravessadas por armentos de poldros indômitos e pelo gaúcho, de originalidade, bravura e independência legendárias; amplas cavernas cheias de mistério; elevados picos, facilmente acessíveis, donde se descortinam perspectivas soberbas; centenas de angras recortadas com esmero artístico; jardins incomparáveis; flora opulenta; fauna inestimável, sobretudo em matéria de aves, notáveis pela delicadeza das formas, suntuosidade das plumagens, doçura do canto e primor da nidificação, — aves que não emigram de bem que se acham onde nasceram: eis outras belezas do Brasil, digna cada qual de lhe assinalar posto de primazia no mundo. (Celso, 2001, p. 71)

Sublimando a sua natureza como das mais exuberantes do mundo, o Brasil dispunha de tudo o que era necessário para a constituição de uma grande potência mundial. Essa ideia da nação já vinha sendo fabricada desde as produções literárias da primeira geração do romantismo brasileiro, que, como analisa Antonio Candido (2000, p. 15), nortearam essa escola a partir do nacionalismo literário, o qual essencialmente denotava a manifestação de vida, tomada de consciência e afirmação do que nos era próprio em relação ao que fora imposto por Portugal. Para conceber a cor local, escritores como José de Alencar focalizaram nas cenas da natureza brasileira, pintando-a em suas produções de maneira descritiva, em sua exuberância

e opulência, como na primeira parte de seu livro *O Guarani*, na qual descreve o rio Paquequer:

De um dos cabeços da Serra dos Órgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.

É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látigo do senhor.

Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade.

Aí, o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pêlo esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa (Alencar, 1996, p. 4)

Em contraste ao que ocorre no Classicismo, os românticos entendiam que a palavra era incapaz de expressar a grandiosidade da natureza. Por isso, a descrição alencariana é concebida a partir do resgate das línguas primitivas, nas quais, devido à escassez lexical, os grupos primitivos utilizavam o nome de uma coisa para denotar outra. A natureza brasileira só podia ser descrita a partir de alegorias entre os elementos que a constituem, sejam eles seus fenômenos, sua fauna, e nesse sentido, ao descrever o rio Paquequer, o autor se vale das metáforas “filho indômito da pátria” “beleza selvática” e comparações “serpente”, “tapir”, “tigre”, carregando sua linguagem de um sentido figurado, simbólico e alusivo, caracterizando-a em toda sua exuberância.

Ademais, como ocorrera no discurso da primeira geração do romantismo brasileiro, temos na obra de Celso o retrato do indígena enquanto o bom selvagem rousseauiano, uma figura idealizada de acordo com sua *Weltanschauung*:

Pondo de parte certas tribos nativamente ferozes, o geral dos nossos aborígenes manifestou de ordinário boas disposições, acessíveis à catequese dos missionários, jamais refratários à melhoria. Houve os que trucidaram o bispo naufrago D. Pero Fernandes Sardinha e cerca de 100 pessoas de sua comitiva, conservando-se a tradição de que, depois desse dia, nenhuma flor ou erva nasceu mais no lugar, — outrora fértil e belo, — da medonha hecatombe. A crueldade, porém, era exceção. Praticavam largamente a hospitalidade. Todos os cronistas e historiadores nacionais notam-lhes os hábitos hospitaleiros, devidos talvez a superstições religiosas. Entre as atribuições do cacique figurava a de acolher e guiar os hóspedes da taba. (2001, p. 94-95)

Quando Antônio Vieira foi preso no Pará por um motim triunfante contra os

jesuítas, só uma índia que lhe era agradecida ousou levar-lhe alimento ao calabouço, através as sentinelas furiosas. [...] Assim, sem exageros de fantasia, encontram-se na história dos nossos índios traços sublimes. (2001, p. 97)

Esse movimento fora pensado desde Gonçalves Dias, que em seu estudo *O Brasil e a Oceania* (1853) ensaiava existirem aqui duas raças de indígenas, tupis e tapuias, que se dividiriam em maus e bons, sendo bons – exaltados pela sua hospitalidade, receptividade, afetividade – aqueles que melhor se relacionariam com os europeus. Nesse sentido, em ambos os casos, tanto em sua emancipação política quanto no período da república, no Brasil não se objetivava pensar uma política indigenista que abarcasse e compreendesse a vivência desses povos, e por mais que os entendessem enquanto parte constituinte dessa identidade nacional, a atenção a eles só emergia nas formulações épicas e idelistas acerca do país.

Sob esse prisma, desde o período romântico, a partir também de autores como Carl von Martius, historiador e naturalista alemão que residiu em terras brasileiras, que ganhou o prêmio, em 1847, de melhor história a respeito do Brasil<sup>2</sup> pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fora reconhecida que a mestiçagem de três raças: o branco, indígena e o negro, era um dos componentes da identidade brasileira:

O bávaro seria o primeiro a assinalar que o Brasil é o resultado “do encontro, da mescla das relações mútuas e mudanças dessas três raças.” [...] acreditou-se que o Brasil era um país essencialmente mestiço; o que foi visto por alguns como vantagem e por outros como defeito. Martius merece, portanto, o duvidoso título de avô da ideologia da democracia racial no Brasil. [...] o autor elabora um verdadeiro programa para o pensamento conservador brasileiro, que Varnhagen logo porá em prática. O essencial do que se fará depois está nas 22 páginas de sua dissertação: o mito da convivência harmoniosa entre as três raças [...] (Ricupero, 2004, p. 125-126)

A percepção do Brasil enquanto um país fruto dessas três raças fora resgatada em *Porque me ufano*, como se evidencia no capítulo sobre a excelência dos elementos que entraram na formação do tipo nacional:

É hoje verdade geralmente aceita que, para a formação do povo brasileiro, concorreram três elementos: o selvagem americano, o negro africano e o português. Do cruzamento das três raças resultou o mestiço que constitui mais de metade da nossa população. Qualquer daqueles elementos, bem como o resultante deles, possui qualidades de que nos devemos ensoberbecer. Nenhum deles fez mal a humanidade ou a deprecia. (2001, p. 93)

Todavia, o autor, em sua radicalização ufanista, chega inclusive ao extremo de negar que no Brasil exista racismo, ao argumentar que “Contribuíram tantos serviços

---

<sup>2</sup> A dissertação, publicada em 1844, fora intitulada *Como se deve escrever a história do Brasil*.

para que no Brasil jamais houvesse preconceito de cor.” (2001, p. 104) “Negros, brancos, peles-vermelhas, mestiços vivem aqui em abundância e paz.” (2001, p. 38). Desse modo é perceptível a recuperação dessa herança legada pelo romantismo brasileiro, de que a mestiçagem seria um elemento constituinte dessa nação, contudo, argumentando incisiva e ilusoriamente que essas três raças conviviam aqui de forma harmoniosa.

Outrossim, temos que na primeira geração romântica brasileira se percebia a herança de Portugal como nociva, “De maneira mais ampla, a primeira geração romântica brasileira, assim como os românticos argentinos e chilenos, assume atitude particularmente hostil ao passado colonial e à herança ibérica.” (RICUPERO, p. XXX). Entretanto, com a maioria, já alcançada pelos poetas da segunda geração do romantismo brasileiro, temos a aceitação de Portugal enquanto parte constituinte da nacionalidade. Celso, ao edificar o quadro da realidade nacional, leva ao extremo essa perspectiva: “Dá mostras de injustiça e ingratidão o brasileiro que ataca ou deprime Portugal. [...] Onde quer que os portugueses fixem domicílio, na Ásia, na África, na Oceania, dão belos exemplos de união, patriotismo, amor ao trabalho, filantropia; [...] Em parte nenhuma é infecunda a sua passagem.” (2001, p. 107-108).

Deste modo, torna-se perceptível que, a partir de *Porque me ufano do meu país*, ao conceber a missão civilizatória, Afonso Celso eleva à última potência os símbolos constituintes da identidade brasileira, formalizados no romantismo, para fundamentar uma aproximação familiar entre a sociedade e a sua ideia de Brasil. Neste livro, caracterizante das literaturas concebidas no Quarto Centenário do Descobrimento, são elegidos novos símbolos de nacionalidade, transformadas e alteradas certas tradições passadas, objetivando elevar a nação brasileira, ao menos no plano das ideias, ao mesmo patamar das nações europeias.

## **5. UTOPIA E A PRÁTICA SOCIAL REPUBLICANA: POLICARPO QUARESMA E A CRÍTICA AO PROJETO DE NAÇÃO BRASILEIRO**

“Policarpo Quaresma. Ideia que mata. A decepção. O prêmio.” Era assim que, em seu *Diário* (1956, p. 145), Lima Barreto, autor carioca do século XX, descreve a ideia central de seu segundo romance, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915. Através de uma mescla entre as perspectivas do narrador e protagonista da história, Lima faz uma análise pungente dos subúrbios cariocas daquela época e dos integrantes dessa burguesia em ascensão social. Outrossim, através de uma alegoria com o Policarpo, concebe um estudo crítico da pátria brasileira após a independência, em que o sentimento ufanista veio sendo categoricamente vertido no discurso do estado-nação.

Tendo por característica uma literatura autodenominada militante, inspirada em autores como Dostoiévski, Tolstói, Flaubert, Balzac, Eça de Queirós, Taine e Stendhal, o conceito de arte barretiano se baseia no sentimento ardente de comunicar uma ideia, ou ideias, à humanidade e pela humanidade. Como bem argumenta R. J. Oakley, fora no texto *O destino da literatura que*,

Seguindo as ideias de Taine, Brunetière e, especialmente, dos escritos anarco-estéticos de Jean-Marie Guyau e de Tolstói no ensaio *O que é arte?*, publicado em 1898, Lima Barreto afirmava que a beleza estética depende da “substância da obra”, que é o pensamento que o artista investe nela. Tal noção há de se vincular ao problema do destino humano neste mundo; ou seja, a importância da literatura reside não na forma, mas em seu conteúdo.” (Oakley, 2011, p. 4)

Por intermédio da sinceridade e gênio do artista, acreditava que as obras literárias deveriam comunicar pensamentos de interesse humano, ou seja, o desejo genuíno de mudança, a solidariedade entre os homens. Por conseguinte, edifica uma literatura aproximada do conceito de religiosidade, no aspecto de sentir a dor do outro, perceber realidades diferentes da sua, como uma vontade nacional popular em adentrar no cerne das problemáticas sociais e humanas, e que, por fim, aluda às questões da nossa conduta na vida. Baseando-se na filosofia de Fichte e em Tolstói, acreditava que artistas, denominados *estudiosos*, tinham uma vocação sagrada, sendo eles os guias da humanidade. Por isso, era importante que eles sentissem ardentemente aquilo que desejavam comunicar, para contagiar o seu destinatário, contemplador da obra de arte, desse mesmo estado de alma. Só assim a sua literatura passaria de simples capricho individual para traço de união, força de ligação entre os homens. De acordo com o próprio autor, o homem, por intermédio da Arte sincera, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de

sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, o mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo. (Barreto, 1997).

Deste modo, no já mencionado ensaio *O que é arte?*, Tolstói argumenta que o grau de contágio da obra de arte dependeria de três fatores: a intensidade de individualidade no sentimento transmitido; o grau de lucidez de expressão; e o grau de sinceridade da parte do artista (2019, p. 206). Desses três, percebia que o maior era a sinceridade, não uma sinceridade pura e simples, mas um desejo tão intrépido em comunicar seu estado de alma que isto impelia o artista a meditar uma forma acessível para contagiar a todos, que consumirem sua produção artística, com o mesmo sentimento.

Doravante, Lima, fazendo uso do conceito de sinceridade intelectual, que advém do idealismo alemão, edifica *Triste fim*, e mais amplamente, todo o seu projeto literário, partindo da premissa de que a obsessão pela forma, pelo comedimento e ornamento da arte é um inimigo mortal na produção artística:

Ao compor sua prosa de ficção seguindo tal crença, Lima Barreto está convencido de que é necessário universalizar sua arte construindo um poderoso instrumento tanto para a comunicação como para a edificação. Assim sendo, seu compromisso para com seus personagens e o mundo deles há de deixar uma forte impressão em seu leitor. Destarte, a arte promove a solidariedade. (Oakley, 2011, p. 39-40)

Sendo assim, em detrimento de uma literatura que intitulava *contemplativa*, preocupada com a forma, o autor colocava em prática uma literatura *engajada*, que tinha como preocupação o seu conteúdo. Por isso, as palavras elegantes, grandiloquentes, a pintura nuançada do quadro nacional, não se incorporavam à sua arte. O seu anseio residia em escrever como o seu meio pede e o requeria, como era necessário, mesmo estando consciente de que isso acarretaria sua marginalização inexorável. Como metaforiza na voz de Ricardo Coração dos Outros, personagem de *Triste fim*: “A questão não está em escrever uns versos certos que digam coisas bonitas; o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja.” (Barreto, 2019, p. 27).

Destarte, de acordo com Oakley (2011), para o jovem Lima a literatura brasileira de sua contemporaneidade carecia dessa sinceridade, humanidade, e de produções artísticas que analisassem criticamente o quadro nacional através de uma qualidade épica. Épica não no sentido clássico, mas pela grandiloquência de seu engajamento. Originalmente, o autor se inspira no naturalismo de Émile Zola, em *Germinal* (1885), e procurou edificar um documento social que denunciasses um

Império, como fez o autor francês. Contudo, diferente de Zola, não vivenciou o período o qual tentou documentar, pois no império brasileiro ele tinha apenas oito anos de idade e, para que isso pudesse ser concretizado, ele precisaria contar com a imaginação criadora e documentação recuperada das bibliotecas de sua época. Devido a isto, fora abandonando o passado para voltar-se ao tempo histórico presente, e nisso, tornou-se mais adepto à forma realista.

Fora deste modo que, a partir do processo de modernização liberal compulsória, presenciado tanto no Brasil quanto em toda a América Latina entre 1870-1910, e com a entrada brasileira no regime republicano, que Lima Barreto irá ficcionalizar, em *Triste fim*, o governo do Marechal Floriano Peixoto, desmistificando-o em suas crises políticas, econômicas e sociais, sobretudo a Revolta da Armada. Na criação de seu romance, ao se basear no princípio vertido em Guyau e Tolstói da sinceridade intelectual, é impulsionado pelo sentimento que lhe feria o peito: “Lima revelava pressa. Escrito em dois meses e meio, o romance carrega o tom de ‘artista impaciente’, como se um contexto nervoso invadissem as páginas da ficção.” (Schwarcz, 2017, p. 304). Desse modo, escreve para denunciar o Brasil de sua época, entre fins do século XIX e início do XX, demarcado pela ascensão de um sentimento patriótico excedido, que carrega uma literatura de cunho civilizatório, que ostentava essa modernização liberal compulsória espelhada na cidade do Rio de Janeiro. Escrevia para descortinar as mazelas sociais, escrevia para desmontar, em cada uma de suas argumentações, o discurso ufanista que imperava socialmente. Escrevia, acima de tudo, a partir da preocupação em seu conteúdo em detrimento de uma forma distante das massas. Em especial, escrevia em seu anseio em comunicar a ideia de que a nação brasileira de forma alguma se via representada no discurso idílico, épico e ostensivo e no modelo utópico de Brasil ostentado pelas elites cariocas.

Nesse sentido,

Lima Barreto denuncia a linguagem “oficial”, quer literária, quer política, quer escrita, quer falada. Rejeitar a linguagem cultural e política da classe dirigente acompanha uma equação de linguagem e ideologia, e para o autor é ao descobrir o bovarismo que esse repúdio se torna claro e adquire uma forma. (Oakley, 2011, p. 42)

De acordo com Lima Barreto, com o advir da República coexistiu um positivismo utópico, que se estabeleceu na política e na literatura de sua época. À vista disso, foi ao perceber a tendência que imperava socialmente, que estuda a classe dirigente carioca dentro de uma perspectiva bovarista, dado que muitos

escritores são notados pela sua frivolidade, e concebiam uma literatura burguesa, provinciana, de preocupações superficiais, que copiava de forma servil os modelos estrangeiros. O intelectual Elycio de Carvalho, em uma coletânea de ensaios publicados em 1907, evidenciava a estética, que contemplava enquanto decadentista, que imperou no Rio de Janeiro no ambiente artístico e ideológico de sua *Belle époque*. Através dessa atmosfera decadentista, tal ambiente se caracterizava por uma literatura antitolstoiana, que subordinava o conteúdo à forma. Em seu requinte formal, imperava o culto exacerbado pela forma maneirista, pela extravagância, o gosto pelo estranho, que particularmente era estéril e descompromissada com a realidade circundante.

Segundo Oakley, a análise barretiana constatava que esse bovarismo se mostrava extremamente presente nas letras de sua época, tornando-se uma espécie de “doença nacional”: “Assim, a literatura e a ciência brasileiras são condenadas por serem “fofas”; ou seja, flácidas, insubstanciais, de pouco peso, como todos os sonhos do bovarismo.” (2011, p. 46). Em sua essência, esse bovarismo advém de uma deficiência seguida de uma incapacidade em rivalizar com o modelo em vista. Desse modo, o bovarismo é a incapacidade de se reconhecer da forma que se é. E a partir dessa deficiência pode ser vertida uma tentativa de modificar seu ambiente, não no sentido concreto, de realizar mudanças sociais, ações, para subverter o *status quo*, mas sim mentalmente, não só se adequando a ele, como falseando a realidade da forma que ela é, perfazendo um quadro ilusório do real, concebendo uma performance. E para Lima, as elites brasileiras, principalmente cariocas, estão no centro delirante dessa performance bovarista, em sua política e no âmbito literário. Como exemplo de bovarismo social, nas letras, cita Coelho Neto, e na política, Barbosa Lima. O que existia naquela época eram pessoas que só queriam o status de literato porque o consideravam *chique*, mas não se interessavam em viver a literatura, e por isso se enganavam em sua desilusão bovarista.

Ao estudar, e mais do que isso, vivenciar este contexto social, Lima Barreto transfigura para as letras um personagem com todas as características das elites de seu tempo: o protagonista Policarpo Quaresma. Policarpo conservara tudo, o positivismo utópico, e sobretudo a deficiência bovarista. Em função disso, absorvia-se veementemente na retórica do projeto de nação brasileira republicano. A partir do entrecruzamento de tantos discursos, dispostos em suas leituras, é também ao consumir autores da geração nacionalista do romantismo brasileiro, como Alencar,

Gonçalves Dias e Macedo, bem como a historiografia desse período, nos autores Denis, Martius, Varnhagem, que o personagem incorporava um ufanismo radicalizado que tenciona a imaginação fictícia dessas obras com o caráter factual histórico. Embebido nesse ufanismo extremado, acarretado pela demagogia dos autores do período republicano brasileiro, bem como na retórica fundacional, o Brasil fabricado pela elite se constitui para Policarpo enquanto uma verdade absoluta, incontestável:

Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa. (Barreto, 2019, p. 20)

[...] depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à pátria eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. [...] Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo — o que precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade. (*Ibid.*, p. 29-30)

Destarte, partindo do seu conceito de Arte sincera e do contexto histórico em que vivia, o autor carioca, de maneira a melhor analisar os problemas de sua contemporaneidade, em *Triste fim* tenciona a retórica ideal-nacionalista do pós-independência com o projeto de nação transposto durante a modernização presenciada no final do século XIX no Brasil. Tendo isso em mente, a partir de Policarpo Quaresma, esses dois planos ideológicos e discursivos se evidenciam na obra, dado que o personagem representa, e mais que isso, reproduz tais ideais nacionalistas inconscientemente.

Doravante, não é por acaso que Lima Barreto evidencia a arte e a política de seu tempo como desonestas entre si (bovarismo), e para com os demais (retórica) (Oakley, 2011, p. 48). A arte e política se constituíam, nesse sentido, enquanto ferramentas manipuladas pelos grupos hegemônicos com o intuito de iludir as massas através da retórica. Ao analisar tudo isso, é por intermédio da ficcionalização dos integrantes da elite carioca de sua época que Lima Barreto, ao constituir o personagem Policarpo Quaresma, satiriza a maior cartilha de nacionalidade do período republicano: Afonso Celso e seu opúsculo *Porque me Ufano do meu país*, publicado em 1900, integrante das comemorações de 400 anos do descobrimento do Brasil. O personagem, bem como ocorre na obra de Celso, a partir do ufanismo

radicalizado e utópico, absorve mutuamente a retórica fundacional e o projeto de nação republicano. O narrador da história, por outro lado, através da trajetória do personagem e seu triste fim, desmistifica as retóricas e o bovarismo exacerbado de Quaresma. Os contrastes entre as produções poderão ser evidenciados a seguir, a partir dos tópicos e subtópicos do opúsculo celsiano.

Primeiramente, o conde abre sua obra em tom patriótico, versando a respeito de *Para quem e para quê foi escrito esse opúsculo*:

Consiste a minha primordial ambição em vos dar exemplos e conselhos que vos façam úteis à vossa família, à vossa nação e à vossa espécie, tornando-vos fortes, bons, felizes. Se de meus ensinamentos colherdes algum fruto, descançarei satisfeito de haver cumprido a minha missão.

Entre esses ensinamentos, avulta o do patriotismo. Quero que consagreis sempre ilimitado amor à região onde nascestes, servindo-a com dedicação absoluta, destinando-lhe o melhor da vossa inteligência, os primores do vosso sentimento, o mais fecundo da vossa atividade — dispostos a quaisquer sacrifícios por ela, inclusive o da vida.

Embora padeçais por causa da Pátria, cumpre que lhe voteis alto, firme, desinteressado afeto, o qual, longe de esmorecer, — aumente, quando desconhecido, injustamente aquilatado, ou ingratamente retribuído, e, jamais, em circunstância nenhuma, vacile, descreia, ou se entibie.

Mas cumpre igualmente que não seja um amor irrefletido e cego, e sim raciocinado, robustecido pela observação, assente em sólidas e convincentes razões. (Celso, 2001, p. 29-30)

Alçando a família e nação enquanto entidades paradigmáticas, dentre todos os ensinamentos que o literato, nesse caso, o Celso, possa dar, sobrejuz o patriotismo. Nesse sentido, a esfera da nação é carregada de uma forte religiosidade, em que a ela se deva “ilimitado amor”, “dedicação absoluta”, “o melhor da vossa inteligência” e “o mais fecundo da vossa atividade”. O desígnio é o de que, assim como acontece no caso de Policarpo, aquele que consuma o ideal de nação proposto nesse livro seja absorvido pelo desejo em devotar toda sua vida, todas as suas forças, à nação e ao sentimento patriótico, mesmo que, como acontece no caso do personagem, isso resulte no sacrifício da vida.

Tendo isso em mente, como já fora mostrado no capítulo anterior do presente estudo, obras como a de Celso, que se originam no cerne das comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil, partiram de uma estratégia de caráter cívico-pedagógico da nascente República para subordinar afetivamente a população brasileira e instaurar o regime no país. Sendo assim, é evidente assistir no começo da obra tal projeto de nação, pois a missão a qual o autor se propõe é a de instigar seu leitor ao sentimento ufanista pelo Brasil. Argumenta, mais adiante, que todo este seu patriotismo fora baseado não em entusiasmo, mas sim em experiência e estudo. Que

estudo seria esse? O autor se refere à retórica fundacional, que fora embebida pelos autores da República em seu projeto de nação, e assim se construiu a história de Brasil a partir de uma idealização do real. À vista disso, a diferença primeira em relação à obra de Lima já começa pela sinceridade intelectual, pois a partir do momento que Celso se baseia em um projeto de nação brasileira que, na prática social, se mostra irreal, não atende ao critério de sinceridade, pois o autor não pretende comunicar uma ideia de interesse humano, que tem como ideal a união entre os homens em torno da solidariedade, mas sim parte de uma farsa, um jogo bovarista de manipulação das massas, que fantasia a realidade como ela é.

Destarte, Lima escreve *Triste fim* para todos os que desposam de uma cosmovisão diferente da sua, mas que estejam dispostos a lê-lo e a compreender de maneira realista e verossímil o quadro geral da nação brasileira. Celso, por outro lado, escreve *para* reforçar os padrões hegemônicos dominantes, *para* reforçar o quadro ilusório e bovarista de Brasil que vinha sendo edificado desde os autores da geração ufanista do romantismo brasileiro. Ele escreve *para* alienar, mascarar, lançar uma cortina de fumaça sobre a nação. Ele escreve *para* mascarar as crises do regime republicano, escreve *para* subordinar afetivamente a população e *para* que todos traguem a essência positivista que ele e a elite de seu tempo desposavam.

Adiante, temos que dentre os motivos da suposta superioridade do Brasil expostos em *Porque me ufano*, temos a sua *grandeza territorial*, unida à *fertilidade da terra*:

O Brasil é um dos mais vastos países do globo, o mais vasto da raça latina, o mais vasto do Novo Mundo, à exceção dos Estados Unidos. [...] Descobre-se nele tudo quanto o mundo possui de melhor. Pode suprir por si só as necessidades físicas das inumeráveis multidões que o povoarem. [...] À flora brasileira, maravilhosamente rica, é dado se juntarem todas as flores e frutas do universo. Nenhuma é incompatível com a nossa natureza. Não há planta exótica que, convenientemente tratada, deixe de germinar no Brasil. (Celso, 2001, p. 33 e seg)

A retórica fundacional edificada pelo período ufanista brasileiro se mostra evidente logo nestes primeiros motivos de superioridade. Essa mesma ideia de nação que Celso sustenta, baseada na tradição romântica, de um Brasil de terra vasta e fértil, pode ser visto tanto na voz do personagem Policarpo Quaresma como na cosmovisão dele, expressa pelo narrador:

Durante os lazes burocráticos, estudou, mas estudou a pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. [...] Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do “seu” rio que ele mais

implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo. [...] — Senhor doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem-dotado e as suas terras não precisam “empréstimos” para dar sustento ao homem. Fique certo! (Barreto, 2019, p. 21 e 116)

Ambos os discursos, a partir da perspectiva ufanista, alçam a pátria brasileira como um país extensivo em seu território, o qual é ubérrimo. Dado que detém todas essas riquezas naturais necessárias para que se viva em abundância, em sua agricultura nada precisa ser emprestado de outros países. Por outro lado, ao mesmo tempo em que evidencia tal retórica, demonstrando que teve contato com a obra de Celso, o autor derruba essa ideia de Brasil a partir do narrador de *Triste fim*, que neste trecho se mescla à visão da personagem Olga a partir da utilização do discurso indireto livre. Ao adentrar na zona rural, Olga se defronta com a má distribuição do território e das riquezas naturais:

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros ideia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar relativamente. (Barreto, 2019, p. 114)

Ademais, continua:

Ela voltou querendo afastar do espírito aquele desacordo que o camarada indicara, mas não pôde. Era certo. Pela primeira vez notava que o self-help do governo era só para os nacionais; para os outros todos os auxílios e facilidades, não contando com a sua anterior educação e apoio dos patrícios. E a terra não era dele? Mas de quem era então, tanta terra abandonada que se encontrava por aí? Ela vira até fazendas fechadas, com as casas em ruínas... Por que esse acaparamento, esses latifúndios inúteis e improdutivos? (*Ibid.*, p. 116)

No fim das contas, transparece que de nada adiantava uma terra expansiva, que estava entre as maiores do mundo, se isso coexiste com a má distribuição desse território, no qual a população afastada dos grandes centros urbanos do Rio de Janeiro vivia em condições miseráveis. Ademais, desvela a perspectiva homogênea que a elite carioca propunha a respeito do Brasil, ao mostrar que o país não se restringia aos centros urbanos, e abre o olhar à zona rural, que como se vê nesses

trechos, é descrita pela pobreza das casas, falta de cultivo e de incentivo às indústrias agrícolas, e composta de latifúndios imensos, inúteis e improdutivos.

Mais adiante, ainda nesse mesmo capítulo, é possível assistir em Celso outro motivo da superioridade brasileira, sendo ele o de *fraternidade entre os povos*, um dos ideais da Revolução Francesa: “Negros, brancos, peles-vermelhas, mestiços vivem aqui em abundância e paz.” (2001, p. 38), “Nenhum antagonismo separa os grupos componentes da população.” (2001, p. 40). Policarpo, que pensava da mesma forma no início da obra, chegando ao extremo de visitar uma ex-escrava e questionar-se por que ela não guardava as antigas tradições brasileiras, termina a obra se chocando com a atroz realidade:

Que combate, milha filha! Que horror! Quando me lembro dele, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. Fiquei com um horror à guerra que ninguém pode avaliar... Uma confusão, um infernal zunir de balas, chorões sinistros, imprecações — e tudo isto no seio da treva profunda da noite... Houve momentos que se abandonaram as armas de fogo: batíamos à baioneta, a coronhadas, a machado, a facão. Filha: um combate de trogloditas, uma coisa pré-histórica... Eu duvido, eu duvido, duvido da justiça disso tudo, duvido da sua razão de ser, duvido que seja certo e necessário ir tirar do fundo de nós todos a ferocidade adormecida, aquela ferocidade que se fez e se depositou em nós nos milenários combates com as feras, quando disputávamos a terra a elas... Eu não vi homens de hoje; vi homens de Cro-Magnon, do Neanderthal armados com machados de sílex, sem piedade, sem amor, sem sonhos generosos, a matar, sempre a matar... (Barreto, 2019, p. 192-193)

Nesse trecho da carta que ele escreve para sua irmã Adelaide após enfrentar a Revolta da Armada, é possível assistir ao desmonte da retórica ideal da república, e uma profunda desilusão ao se deparar com a prática republicana.

Posteriormente, Afonso Celso nos apresenta o segundo e quarto motivos de superioridade brasileira: *a sua beleza, e a amenidade de seu clima*. Nesse sentido, começa versando que:

Não há no mundo país mais belo do que o Brasil. Quantos o visitam atestam e proclamam essa incomparável beleza. [...] Entre o escritores dos tempos coloniais, o padre jesuíta Simão de Vasconcelos, nas Notícias Curiosas, declara que capitães e cosmógrafos não viram cousa igual no universo todo, à perspectiva da nova terra “que é um espanto da natureza e faz vantagem aos campos elísios, hortos pênseis e ilha de Atlanta” [...] Comprova assim o viajante alemão a verdade dos poéticos conceitos de Gonçalves Dias:

“Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas tem mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.”.

(Celso, 2001, p. 40 e seg)

Em um nítido resgate da tradição legada pela geração ufanista do romantismo

brasileiro, inclusive referenciando a Gonçalves Dias, um de seus maiores representantes, o conde descreve a natureza brasileira a partir de uma perspectiva idílica e edênica e do olhar do colonizador. Outrossim, temos no discurso de Quaresma a mesma idealização dessa natureza, que ao ler o historiador Rocha Pita, famoso pelo seu nativismo, fantasia: “Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados...” (Barreto, 2019, p. 23). “Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo” (*Ibid.*, p. 30). É transparente em ambos os discursos a presença da retórica fundacional, e nos dois ela é elevada à sua apoteose. A partir do uso exagerado dos superlativos relativos de superioridade, a natureza brasileira é descrita não apenas por uma beleza exuberante, mas ela também é a natureza na qual o céu tem “mais estrelas”, “mais flores”, “mais vida”. Em comparação a outras terras, o Brasil “tem os raios mais dourados”, tem, enfim, todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais necessários para se viver bem. Ou seja, o Brasil não só tem uma natureza bela, mas sim a *mais bela dentre todas*.

O resgate do Lima Barreto, por outro lado, é ironizado, continuamente, a partir do narrador de *Triste fim*, que sempre vai contrastando a perspectiva ideal de Quaresma com a realidade concreta dessa sociedade brasileira. Essa visão vai sendo desmistificada, principalmente, na segunda parte do livro, em que o personagem vai morar no sítio do Sossego, e realiza-se uma descrição da zona rural:

Às vezes, o fiel Anastácio seguia-o no descanso e ambos, lado a lado, à sombra de uma fruteira mais copada, ficavam a ver o ar pesado daqueles dias de verão que enrodilhava as folhas das árvores e punha nas coisas um forte acento de resignação mórbida. Então, aí por depois do meio-dia, quando o calor parecia narcotizar tudo e mergulhar em silêncio a vida inteira, é que o velho major percebia bem a alma dos trópicos, feita de desencontros como aquele que se via agora, de um sol alto, claro, olímpico, a brilhar sobre um torpor de morte, que ele mesmo provocava. (Barreto, 2019, p. 87)

Igualmente, põe o olhar sobre os subúrbios cariocas, em que versa:

Além disto, os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodos (quem as suporia lá!) constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino. Não se podem imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas da gente que habita tais caixinhas. Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos deparar velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de

garrafas vazias, castradores de gatos, cães e galos, mandingueiros catadores de ervas medicinais, enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequena e grande burguesias não podem adivinhar. Às vezes, num cubículo desses se amontoa uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta do níquel do trem. (*Ibid.*, p. 93-94)

Em sua descrição panorâmica das paisagens rural e suburbana, o narrador destaca a precariedade da administração pública, a miséria social, o calor narcótico, o desenho irregular das ruas, em um contraste à visão romântica de Brasil. Na descrição dessa natureza, ela adquire um tom melancólico, perdendo o caráter ufanista de Gonçalves Dias: “Até as flores, essas *tristes flores* dos nossos campos [...]” (Barreto, 2019, p. 107).

No tópico seguinte, tem-se defendido um outro motivo para a superioridade brasileira: *as suas riquezas*. Primeiramente, se pode começar analisando a seguinte frase: “Não conhecemos proletariado, nem fortunas colossais que jamais se hão de acumular entre nós, graças aos nossos hábitos e sistema de sucessão. Nem argentarismo, pior que a tirania, nem pauperismo, pior que a escravidão.” (Celso, 2001, p. 83). Nela temos um manifesto bovarismo social, que inclusive se mostra extremamente contraditório em sua própria linha de argumentação. Se anteriormente Celso versa a respeito do desenvolvimento da atividade comercial e industrial no país, inclusive dizendo que o operário nacional, em sua inteligência, aprende com rapidez o ensino técnico (*Ibid.*, p. 81), como pode não existir o proletariado?

Ademais, ao estudar que na retórica celsiana o pauperismo e argentarismo são tidos como inexistentes no contexto nacional brasileiro, Lima evidencia, em *Triste fim*, como eles estão amplamente inseridos na prática social. Ao final da obra, no florescer da desilusão do protagonista em relação ao Brasil, há uma potencialização do discurso indireto livre, pois a visão antes desposada apenas pelo narrador, factual, histórica, vai se tornando também a de Quaresma:

Na verdade o major tinha um espinho n'alma. Aquela recepção de Floriano às suas lembranças de reformas não esperavam nem o seu entusiasmo e sinceridade nem tampouco a ideia que ele fazia do ditador. Saíra ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance dos seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas coisas de governo como se não o fosse!... Era pois para sustentar tal homem que deixara o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural? (Barreto, 2019, p. 180)

A utilização do termo “ditador” para descrever o presidente é extremamente

sintomática agora, pois denuncia tanto o olhar do narrador quanto do personagem. Por outro lado, o Policarpo do início da obra, cheio de ideias patrióticas que frutificavam em seu âmago, refletia, da mesma forma que Celso, sobre as riquezas nacionais:

Era costume seu, assim pela hora do café, quando os empregados deixavam as bancas, transmitir aos companheiros o fruto de seus estudos, as descobertas que fazia, no seu gabinete de trabalho, de riquezas nacionais. Um dia era o petróleo que lera em qualquer parte, como sendo encontrado na Bahia; outra vez, era um novo exemplar de árvore de borracha que crescia no rio Pardo, em Mato Grosso; outra, era um sábio, uma notabilidade, cuja bisavó era brasileira; e quando não tinha descoberta a trazer, entrava pela corografia, contava o curso dos rios, a sua extensão navegável, os melhoramentos insignificantes de que careciam para se prestarem a um franco percurso da foz às nascentes. (Barreto, 2019, p. 22)

Ao final do livro, tido como o despertar de sua consciência nacional, o major Quaresma adquirira um espinho em sua alma. Ele passa a constatar e refletir acerca do desinteresse público, da prática social excludente, em que a tirania, pauperismo e argentarismo social se mostravam em toda a sua ferocidade, pois imersos em um governo militarista, aqueles que comandavam o país detinham poderio até mesmo sobre quem vivia e quem morria. Nesse sentido, embebendo do contexto sociológico, nos momentos finais da diegese barretiana, é possível assistir ao que mais tarde o filósofo e historiador Achilles Mbembe (2018) percebe como necropolítica, na qual o Estado, a partir de suas políticas governamentais, controlam quem deve viver ou morrer a partir dos aparelhos sociais públicos.

No próximo tópico do opúsculo ufanista, argumenta-se a respeito da *ausência de calamidades* como um motivo da superioridade brasileira. Celso defende que: “Em suma: oferecendo ao homem condições de vida sem igual, a natureza brasileira em nada lhe é hostil ou áspera. Pode o habitante confiar nela, com segurança. Não o trai, não o surpreende, não o amedronta, não o maltrata, não o aflige. Dá-lhe tudo quanto pode dar, mostrando-se-lhe sempre magnânima, meiga, amiga, maternal.” (2001, p. 92). Ao ser arquitetado a partir dessa retórica fantasiosa, Quaresma reproduz tal ideia de nação brasileira, o qual, em sua frutificação, o faz investir grande parte de seu dinheiro em um sítio na zona rural:

Ele foi contente. Como era tão simples viver na nossa terra! Quatro contos de réis por ano, tirado da terra, facilmente, docemente, alegremente! Oh! terra abençoada! Como é que toda a gente queria ser empregado público, apodreecer numa banca, sofrer na sua independência e no seu orgulho? Como é que se preferia viver em casas apertadas, sem ar, sem luz, respirar um ambiente epidêmico, sustentar-se de maus alimentos, quando se podia tão facilmente obter uma vida feliz, farta, livre, alegre e saudável? [...] Demais, com terras tão férteis, climas variados, a permitir uma agricultura fácil e

rendosa, este caminho estava naturalmente indicado. (Barreto, 2019, p. 84)

Sendo o solo naturalmente o mais fértil do mundo, o caminho da agricultura estava naturalmente indicado. Todavia, a partir da tensão entre o projeto de nação defendido na república brasileira e a prática social, o protagonista se defronta, primeiramente, com o jogo político entre os latifundiários, que por vingança aumentam seus impostos:

A quarenta quilômetros do Rio, pagavam-se impostos para se mandar ao mercado umas batatas? Depois de Turgot, da Revolução, ainda havia alfândegas interiores? Como era possível fazer prosperar a agricultura, com tantas barreiras e impostos? Se ao monopólio dos atravessadores do Rio se juntavam as exações do Estado, como era possível tirar da terra a remuneração consoladora? E o quadro que já lhe passara pelos olhos, quando recebeu a intimação da municipalidade, voltou-lhe de novo, mais tétrico, mais sombrio, mais lúgubre; e anteviu a época em que aquela gente teria de comer sapos, cobras, animais mortos, como em França os camponeses, em tempos de grandes reis. Quaresma veio a recordar-se do seu tupi, do seu folclore, das modinhas, das suas tentativas agrícolas — tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil. (Barreto, 2019, p. 129-130)

Em seu quadro nacional o narrador desvela como a então república brasileira ainda se mostrava de base latifundiária, por mais que se quisesse mostrar urbanizada. Além disso, como a estrutura dessa sociedade, após sua independência, monarquia e agora república, continuava a mesma: dominada pelas oligarquias estaduais, de base econômica rural. Em sua descrição, se igualava aos tempos da Idade Média europeia, em que os camponeses, em sua servilidade aos grandes reis, aos donos das terras, viviam em toda sua desvalidade e lugubridade.

Como os tempos da Idade Média, nada mais irônico do que demonstrar, por intermédio da doença da peste, a realidade dos agricultores brasileiros na ascensão republicana. Nessa ótica, o narrador apresenta o panorama devastador da vivência agrícola brasileira: “O galinheiro ficou como uma aldeia devastada; a peste atacou galinhas, perus, patos; ora sobre uma forma, ora sobre outra, foi ceifando, matando, até reduzir a sua população a menos de metade. E não havia quem soubesse curar.” (Barreto, 2019, p. 129). Consubstanciando tal conjuntura da prática social, decorre o episódio das saúvas, que atacam incessantemente as plantações do Sossego:

Toda a manhã, ele ia lá e já via o milharal crescido com o seu pendão branco e as suas espigas de coma cor de vinho, oscilando ao vento; naquela, ele não viu nada mais. Até os tenros colmos tinham sido cortados e levados para longe! “A modo que é obra de gente”, disse Felizardo; entretanto, tinham sido as saúvas, os terríveis himenópteros, piratas ínfimos que lhe caíam em cima do trabalho com uma rapacidade turca... Era preciso combatê-los. Quaresma pôs-se logo em campo, descobriu as aberturas principais do formigueiro e em cada uma queimou o formicida mortal. Passaram-se dias; os inimigos pareciam derrotados, mas, certa noite, indo ao pomar para melhor apreciar a

noite estrelada, Quaresma ouviu uma bulha esquisita, como se alguém esmagasse as folhas mortas das árvores... Um estalido... E era perto... Acendeu um fósforo e o que viu, meu Deus! Quase todas as laranjeiras estavam negras de imensas saúvas. Havia delas às centenas, pelos troncos e pelos galhos acima e agitavam-se, moviam-se, andavam como em ruas transitadas e vigiadas a população de uma grande cidade: umas subiam, outras desciam; nada de atropelos, de confusão, de desordem. O trabalho como que era regulado a toques de corneta. Lá em cima umas cortavam as folhas pelo pecíolo; cá embaixo, outras serravam-nas em pedaços e afinal eram carregadas por terceiras, levantando-as acima da descomunal cabeça, em longas fileiras pelo trilho limpo, aberto entre a erva rasteira. Houve um instante de desânimo na alma do major. Não tinha contato com aquele obstáculo nem o supusera tão forte. Agora via bem que era a uma sociedade inteligente, organizada, ousada e tenaz com quem se tinha de haver. (*Ibid.*, 124)

Essa “sociedade inteligente” de saúvas, a qual o narrador versa nesse trecho, se interpõe enquanto metáfora para falar sobre a realidade com a qual o personagem vinha se defrontando em sua trajetória. Por meio do constante confronto com uma hegemonia estruturada, conservadora, militarista, que desemboca em seu subsequente assassinio, todos os ideais que o ufanismo o fez acreditar se mostrariam a mais pura utopia.

Doravante, o próximo tópico vai sendo edificado de forma singela no decorrer da diegese de Barreto. Contudo, é perceptível que toda a construção psicológica dos personagens negros nessa obra é baseada no sexto tópico de superioridade brasileira da retórica celsiana, da *excelência dos elementos que entraram na formação do tipo nacional*. Celso argumenta que, para a formação do povo brasileiro, se sucedera o cruzamento entre brancos, indígenas e negros, no que resultou o mestiço, que constituiria mais da metade da população. Desses elementos, projeta a imagem mental do negro brasileiro desenvolvendo a seguinte descrição:

Os negros africanos, importados no Brasil desde os primeiros tempos do descobrimento, sempre se mostraram dignos de consideração, pelos seus sentimentos afetivos, resignação estóica, coragem, laboriosidade. Devemos-lhes imensa gratidão. [...] Contribuíram tantos serviços para que no Brasil jamais houvesse preconceito de cor. (2001, p. 103-104)

Igualmente, os personagens negros de *Triste fim* vão sendo construídos a partir das mesmas características: afetividade, estoicidade, laboriosidade. Todos, assim como no livro do conde, são exaltados por qualidades ligadas ao trabalho e subserviência. Nessa ótica, Lima, em seu retrato dos anos após a abolição da escravatura no Brasil, demonstra as condições legadas aos ex-cativos. É dito que o preto Anastácio servia a Quaresma já a cerca de trinta anos (Barreto, 2019, p. 29), ou seja, servia-o desde os tempos da escravidão, e após a abolição da mesma, continuou

o servindo assim como fazia. Isso mostra que, por mais que na teoria a escravidão tenha dado liberdade aos pretos, grande parte deles continuaram a servir as mesmas casas e latifúndios de outrora, pois as políticas públicas para sua integração na sociedade e mercado de trabalho, mesmo no tempo da república, foram renegadas pelo poder público. Como evidencia o sociólogo Florestan Fernandes,

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos. Sem que o Estado, a Igreja ou outra qualquer instituição assumissem encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. O liberto se viu convertido, sumária e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva. Essas facetas da situação humana do antigo agente do trabalho escravo imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel. (2008, p. 29)

Tendo isso em mente, esse é o exato retrato que Lima exprime em sua obra: primeiramente, quando Quaresma e Albernaz precisam conhecer mais a respeito das antigas canções folclóricas brasileiras, recorrem à ex-escrava Maria Rita. Nesse episódio, desvela a falta de instrução da mesma, através do contraste entre o português utilizado pelos militares e o dela, carregado de coloquialidade “Coisa veia, do tempo do cativo. Pra que sô coroné qué sabê disso?” (Barreto, 2019, p. 33). Isso advém da privação, na República, dos meios para o acesso escolar aos escravos libertos.

Para mais, como símbolo mais denunciativo da condição do negro no pós-abolição, podemos analisar brevemente a trajetória do personagem Anastácio dentro da narrativa. Ele começa sendo descrito enquanto serviçal, e essa condição que recai sobre ele permanece durante todo o enredo, pois até mesmo quando Quaresma transfere-se para a zona rural, ele leva Anastácio para auxiliar-lhe no campo: “Anastácio, que o acompanhara, apelava para as suas recordações de antigo escravo de fazenda, e era quem ensinava os nomes dos indivíduos da mata a Quaresma muito lido e sabido em coisas brasileiras.” (Barreto, 2019, p. 85). Na concepção de sua laboriosidade, resignação “O velho preto, ligeiro, rápido, raspando o mato rasteiro, com a mão habituada, a cujo impulso a enxada resvalava sem obstáculo pelo solo, destruindo a erva má;” (*Ibid.*, p. 86). Anastácio é muitas vezes descrito por meio dos adjetivos “preto”, “fiel”, “ligeiro”, “subserviente”, “humilde”, “olhar vazio de africano”, “ternura passiva de animal doméstico”; “sabido” mas não por ser intelectualmente

estimulante, e sim devido aos seus conhecimentos a respeito da terra, ou seja, em sua utilidade e subserviência no empreendimento rural do seu patrão, o Quaresma. Em suma, tem-se a seguinte passagem na obra, que resume bem a dimensão social e psicológica delegada aos negros na realidade republicana brasileira “Anastácio era silencioso e grave. Nada dizia: trabalhava e, de quando em quando, parava, considerava, numa postura hierática de uma pintura mural tebana.” (*Ibid.*, p. 108). Outro personagem preto aparece na obra. Diferindo dessa postura silenciosa, é apresentado o Felizardo. Contratado por Quaresma para cuidar do sítio, ele é descrito brilhantemente a partir do olhar racista que recai sobre os negros no pós-abolição. A partir do narrador, a construção visual de Felizardo é elaborada: “Era este um camarada magro, alto, de longos braços, longas pernas, como um **símio**.” (*Ibid.*, p. 108, grifo nosso).

Mais adiante no opúsculo de Celso, é possível assistir ao próximo tópico de superioridade brasileira: *nobres predicados do caráter nacional*. Disserta:

O brasileiro fisicamente não é um degenerado. Notam-se muitos de estatura elevada, vigor e agilidade pouco vulgares. Quanto ao seu caráter, ainda os piores detratores não lhe podem negar:

- 1.º Sentimento de independência, levado até à indisciplina.
  - 2.º Hospitalidade. No interior, raro se encontram hospedarias. Quem chega é acolhido, com afabilidade e lhanza, na primeira casa a que bata. Os lares de certa ordem têm um quarto especial sempre pronto, chamado o *quarto dos hóspedes*. Estes demoram-se meses e anos às vezes. O dono da casa não se incomoda. É para ele sinal de importância, como o receber cartas numerosas no correio.
  - 3.º Afeição à ordem, à paz, ao melhoramento.
  - 4.º Paciência e resignação.
  - 5.º Doçura, longanimidade, desinteresse.
  - 6.º Escrupulo no cumprimento das obrigações contraídas. Julgar-se-ia desairado quem, no interior, alegasse prescrição de dívida.
  - 7.º Espírito extremo de caridade. Elisée Reclus observa que nenhures se acha como no Brasil tão notável organização de estabelecimentos de solidariedade, mantidos por esmolas, sem intervenção do Governo. Produz resultado o menor apelo, em nome dos que sofrem.
  - 8.º Acessibilidade que degenera, às vezes, em imitação do estrangeiro.
  - 9.º Tolerância; ausência de preconceitos de raça, religião, cor, posição, decaindo mesmo em promiscuidade. Só há exemplo de um jornalista estrangeiro expulso. Durante a guerra do Paraguai, um francês publicava no Rio de Janeiro um jornal simpático ao inimigo, caricaturando os nossos generais.
  - 10.º Honradez no desempenho de funções públicas ou particulares.
- (Celso, 2001, p. 117-118)

Por ter internalizado esse princípio, Quaresma torna-se extremamente ingênuo, pois acredita demais nas pessoas, em sua bondade, e fantasia que todos têm o mesmo anseio por mudança social que ele. Em seu fantasioso patriotismo ele faz o requerimento, que vira motivo de piadas na repartição pública, acredita na

fertilidade irreal da terra brasileira e, o que o leva ao seu triste fim, acredita no presidente Floriano Peixoto, e em suas boas intenções com a nação. Nesse sentido, os últimos dois capítulos da obra refutam esse outro tópico da argumentação celsiana. Inicia dizendo que “O tempo estava de morte, de carnificina; todos tinham sede de matar, para afirmar mais a vitória e senti-la bem na consciência coisa sua, própria, e altamente honrosa.” (Barreto, 2019, p. 202). E, mais a frente, fazendo uso do discurso indireto livre, continua:

De resto, todo o sistema de ideias que o fizera meter-se na guerra civil se tinha desmoronado. Não encontrara o Sully e muito menos o Henrique IV. Sentia também que o seu pensamento motriz não residia em nenhuma das pessoas que encontrara. Todos tinham vindo ou com pueris pensamentos políticos, ou por interesse; nada de superior os animava. Mesmo entre os moços, que eram muitos, se não havia baixo interesse, existia uma adoração fetichica pela forma republicana, um exagero das virtudes dela, um pendor para o despotismo que os seus estudos e meditações não podiam achar justo. Era grande a sua desilusão. (*Ibid.*, p. 198-199)

Em sua última parte, a narrativa vai se condensando na névoa de desilusão que pairava sobre os ideais patrióticos de Quaresma. O governo que ele encontrou fora caracterizado pela tirania e por políticos com interesses pueris e frívolos, que nem de longe carregavam a doçura e afeição ao melhoramento social, mas sim que defendiam apenas interesses e ambições pessoais. Durante toda a trajetória ele será confrontado com figuras do poder público que não honravam em nada suas funções, e acaba percebendo que aquele ideal de nação no qual esteve absorvido fora criado por ele no gabinete da repartição pública.

Sequencialmente, impusera-se outro motivo da superioridade brasileira: *seu procedimento cavalheiresco e digno para com os outros povos*. Baseando-se nisso, Celso articula: “O Brasil jamais provocou, jamais agrediu, jamais lesou, jamais humilhou outras nações. Revelou sempre para com todas a mais perfeita dignidade, a par de rara e elevada abnegação. [...] O procedimento que observa em tudo um homem de bem, — eis a norma imudável do Brasil nas relações internacionais.” (2001, p. 147 e 154). Inserido nesse princípio, o procedimento daqueles que pertencem à nação brasileira, para com o estrangeiro, é sempre cordial, benevolente, fruto da mais perfeita dignidade. Enquanto reflexo dessa ideologia ufanista, é motivado por esse princípio que procede Policarpo Quaresma, no episódio com o italiano Coleoni:

Este seu compadre era italiano de nascimento. A história das suas relações vale a pena contar. Quitandeiro ambulante, fora fornecedor da casa de Quaresma há vinte e tantos anos. O major já tinha as suas ideias patrióticas, mas não desdenhava conversar com o quitandeiro e até gostava de vê-lo suado, curvado ao peso dos cestos, com duas rosas vermelhas nas faces

muito brancas de europeu recém-chegado. Mas um belo dia, ia Quaresma pelo Largo do Paço, muito distraído, a pensar nas maravilhas arquitetônicas do chafariz do Mestre Valentim, quando veio a encontrar-se com o mercador ambulante. Falou-lhe com aquela simplicidade d'alma que era bem sua, e notou que o rapaz tinha alguma preocupação séria. Não só, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, como também cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos. Interrogou-o e veio a saber que tivera uma questão de dinheiro com um seu colega, estando disposto a matá-lo, pois perdera o crédito e em breve estaria na miséria. Havia na sua afirmação uma tal energia e um grande e estranho acento de ferocidade, que fizeram empregar o major toda a sua doçura e persuasão para dissuadi-lo do propósito. E não ficou nisto só: emprestou-lhe também dinheiro. Vicente Coleoni pôs uma quitanda, ganhou uns contos de réis, fez-se logo empreiteiro, enriqueceu, casou, veio a ter aquela filha, que foi levada à pia pelo seu benfeitor. (Barreto, 2019, p. 38)

O protagonista se comporta dessa maneira já no início da obra. E, mais uma vez, absorto em seus ideais patrióticos, o que esse procedimento cavalheiresco para com o estrangeiro o ocasionou?

Fora bom, fora generoso, fora honesto, fora virtuoso — ele que fora tudo isso, ia para a cova sem acompanhamento de um parente, de um amigo, de um camarada... Onde estariam eles? Sobre o Ricardo Coração dos Outros, tão simples, e tão inocente na sua mania de violão, ele não poria mais os olhos? Era tão bom que o pudesse, para mandar à sua irmã o último recado, ao preto Anastácio um adeus, à sua afilhada um abraço! Nunca mais os veria, nunca! E ele chorou um pouco. (*Ibid.*, p. 204-205)

Observa-se, nas partes finais do livro, que se desenvolve um futuro abandono por parte de Coleoni, que, uma vez parte da elite, torna-se despreocupado, e nem intenta utilizar de sua influência para retribuir à benevolência de outrora, que o tinha tornado rico, e deixa Quaresma a definhar na Ilha das Cobras. Por não se preocupar com o brasileiro da mesma forma, Coleoni retira a si e à família, durante a Revolta da Armada, para fora do país. Instituída a sua condição de prisioneiro, Quaresma é fuzilado a mando do presidente.

Analisando mais a fundo, esses dois episódios se tornam lúcidos à luz da seguinte comprovação: Quaresma, essencialmente, fora um personagem que, assim como a nação brasileira, se origina no seio português:

Dona Adelaide, sempre com a sua matinée creme e saia preta, sentava-se à cabeceira; Quaresma à direita e à esquerda, Ricardo. Era a velha quem sempre puxava a língua do trovador. — Gostou muito do passeio, senhor Ricardo? Não havia meio dela dizer “seu”. A sua educação de “senhora” de outros tempos não lhe permitia usar esse plebeísmo generalizado. **Vira os pais, gente ainda fortemente portuguesa**, dizer “senhor” e continuava a dizer, sem fingimento, naturalmente. (Barreto, 2019, p. 109-110, grifo nosso)

O autor, por meio da voz narrativa, atesta esse fato. Atentando-se a essa assertiva, a concepção metafórica do personagem Quaresma por parte de seu escritor Lima Barreto torna-se perfeitamente legitimada. Assim sendo, o protagonista

personifica a nação brasileira. Desse modo, o literato, bem como faz ao longo de toda a produção, ao tecer seu documento social de triste fim, entrecruza os planos extra e intradiegeses.

Partindo dessa perspectiva, como analisa Florestan Fernandes (2008, p. 31), no âmbito extraliterário, o sistema de poder brasileiro, na cadeia de empreendimentos do regime republicano, sustentou uma postura benevolente para com o estrangeiro, em seus contínuos incentivos à importação de mão de obra europeia, concessão e facilitação de moradia a eles. Nisso, assim como Quaresma, deu meios para que eles ascendessem socialmente. No fim das contas, enquanto o personagem-nação, deliberada e inutilmente focalizava a atenção aos estrangeiros, os cativos, como fora estudado anteriormente, padeciam pela falta de políticas públicas no pós-abolição.

Doravante, uma das mais bem acabadas ideias comunicadas nas linhas de *Triste fim* diz respeito ao positivismo utópico da Primeira República brasileira. Atuando a partir do conceito de arte tolstoiano, o autor carioca comunica literariamente a adoração fetichista pela forma republicana que imperava no âmbito extraliterário, precisamente nos centros urbanos do Rio de Janeiro. Como bem tece diegeticamente, inspirados no modelo europeu de república, a classe média e elites cariocas cultuavam a corrente filosófica positivista:

Uns trapos de positivismo se tinham colado naquelas inteligências e uma religiosidade especial brotara-lhes no sentimento, transformando a autoridade, especialmente Floriano e vagamente a República, em artigo e fé, em feitiço, em ídolo mexicano, em cujo altar todas as violências e crimes eram oblatas dignas e oferendas úteis para a sua satisfação e eternidade. (Barreto, 2019, p. 149)

Destarte, é também apoiado na demagogia positivista que Celso estabelece os dois últimos motivos da professada superioridade brasileira: *as glórias que seu futuro reserva e a sua história*. Argumenta, primeiramente, que

A quem se dedicar ao estudo das cousas brasileiras não hão de faltar honras nem satisfações. O Brasil oferece um campo de investigações superior ao de outros países. Basta dizer que até a ciência da sua topografia apresenta ainda grandes lacunas. O interior jaz inexplorado. [...] Quantas interessantes questões etnográficas, antropológicas, geológicas, filológicas, históricas, botânicas, zoológicas, dignas de absorverem os doutos, capazes de conferirem a quem as estudar a mais pura imortalidade. Que vasta e convidativa seara de glórias! (Celso, 2001, p. 155 e 157)

Em linhas gerais, a retórica a respeito da história brasileira, em *Porque me ufano*, se concebe da seguinte maneira:

Acrescentai que no regime colonial a regra foi ordem, paz, raras guerras civis, progresso contínuo, sem vicissitudes revolucionárias e retrocessos violentos; que, abolido esse regime, continuamos amigos da mãe pátria; que as nossas

crônicas estão cheias de episódios comoventes, trágicos e heróicos, lendas poéticas, questões curiosas, prendendo-se à nossa história todos os fatos notáveis ocorridos no Ocidente desde 1500, quais a Renascença, a Reforma Luterana, o prestígio e a decadência da Companhia de Jesus, a grandeza e o declínio da Espanha, a supremacia da Holanda e da Inglaterra nos mares, as guerras de sucessão, a revolução francesa, Napoleão; que conhecemos com plenitude certas liberdades quando nas sociedades mais cultas elas ainda sofriam restrições; — e confessareis que o nosso passado, longe de nos humilhar ou entristecer, ministra-nos altos títulos de ufania. (Celso, 2001, p. 164-165)

Desse modo, percebe-se a linha de argumentação a partir da qual, ao passado brasileiro é reservada a satisfação, e ao futuro, apenas a prosperidade contínua e a glória eterna. Como vem sendo analisado, a retórica celsiana é fortemente inspirada na corrente do positivismo social, que fora importado, mas vertido de forma a perfazer os interesses das elites brasileiras, particularmente os intelectuais advindos da Geração de 1870, as elites sócio-econômicas e os militares. Esses grupos, integrantes da vertente ortodoxa do positivismo, foram favoráveis à instauração de uma Ditadura Republicana, que teria por lemas a “Ordem e Progresso”. Assim ascendeu ao poder Deodoro da Fonseca, e, mais tarde, seu vice Floriano Peixoto, que instauraram um modelo de governo militarista, conservador e tirânico, ficcionalizado para as páginas de *Triste fim*. Tendo isso em mente, Lima estuda incisiva e criticamente esse positivismo desinteressado:

Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os alferes, os tenentes e os capitães. Para a maioria a satisfação vinha da convicção de que iam estender a sua autoridade sobre o pelotão e a companhia, a todo esse rebanho de civis; mas, em outros muitos havia sentimento mais puro, desinteresse e sinceridade. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassinios, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso e também ao advento do regime normal, a religião da humanidade, a adoração do grão-fetichismo, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso, enfim, com inscrições em escritura fonética e eleitos calçados com sapatos de sola de borracha!... Os positivistas discutiam e citavam teoremas de mecânica para justificar as suas ideias de governo, em tudo semelhantes aos canatos e emirados orientais. A matemática do positivismo foi sempre um puro falatório que, naqueles tempos, amedrontava toda a gente. Havia mesmo quem estivesse convencido que a matemática tinha sido feita e criada para o positivismo, como se a Bíblia tivesse sido criada unicamente para a Igreja Católica e não também para a Anglicana. O prestígio dele era, portanto, enorme. (Barreto, 2019, p. 135-136)

Vivenciando uma sociedade demarcada pelo pedantismo, violência e assassinatos, a ditadura positivista concebida por Floriano Peixoto fora detalhadamente traduzida a partir de tipos como o General Albernaz, o Doutor Campos, o Tenente Fontes, a própria ficcionalização do Marechal Floriano Peixoto.

Sobretudo, fora traduzida na utopia positivista de Policarpo Quaresma, o qual assentia o Brasil deter tudo, a glória passada e futura e que, dado isso, só precisava de tempo e um pouco de originalidade. (Barreto, 2019, p. 30).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se firmar como um clássico da literatura de língua portuguesa, a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, sempre será capaz de desvelar novas camadas no que tange à sua composição. Ao inspirar-se no conceito de arte tolstoiano, transmite a sua complexa mensagem a partir de uma forma pragmática e simples, e contagia aqueles que se mostram dispostos a consumi-la com os olhos e mentes abertas. Partindo de seu estado de espírito, manifesta suas inquietações sobre a prática social brasileira. Sob essa ótica, mesmo que muito se tenha estudado sobre o nacionalismo nessa obra, pouco fora debatido sobre como tal procedimento partiu da leitura e inquietação do autor em relação à obra *Porque me ufano do meu país*; ambas datam do mesmo período histórico, mas argumentam a partir de perspectivas distintas.

Ao longo desta monografia, abordamos de que maneira o sentimento ufanista fora difundido socialmente desde quando o Brasil se tornou independente, e como a escola do romantismo foi essencial para o estabelecimento da ideia de nação e de identidades nacional e cultural brasileiras. Através da elite intelectual, em escritores como Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, o Brasil constituiu sua autonomia literária em relação a Portugal, em composições embelezadas da cor local e de romances que legaram na figura do indígena e na descrição da natureza opulenta os símbolos da nacionalidade.

A partir do legado dessa escola artística, e do sentimento ufanista disseminado por seus autores, surgiram, na Primeira República brasileira, literaturas de cunho civilizatório, tendo em Afonso Celso um nome fundante, o qual, banhado na tradição romântica, eleva o discurso ufanista à radicalização. *Porque me ufano* fora alicerçado na missão patriótica e formadora disseminada no contexto das comemorações do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. Nesse sentido, estudando e vivenciado o quadro social que imperou no Brasil na virada do século XIX para o XX, Lima Barreto insurge na esteira de autores que concebiam um olhar pragmático da sociedade brasileira, analisando sua estrutura, e o bovarismo e cegueira social fomentados por um ufanismo radicalizado e utópico, os quais, no quadro trágico da nação, ocultavam a prática social. Imerso nesse contexto concebe *Triste fim*, e partindo de seu herói imaginativo e narrador analítico, contrasta visões diferentes a

respeito de um mesmo país, as quais, ao final da obra, se fundem ao olharem na mesma direção, a da realidade nacional. Ao termo de sua narrativa, comunica como o discurso ufanista difundido socialmente é nocivo e monta uma sociedade completamente alienada a respeito do quadro nacional.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. "Benção Paterna". *In: **Obra Completa***. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, v.I.
- ALENCAR, José de. **O guarani**. 20ª ed., São Paulo: Ática, 1996.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Obras Completas de Lima Barreto**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1997.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Brasília: Edições Câmara, 2019.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- CELSO, Affonso. **Porque me ufano do meu país**. 3. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.
- DENIS, Ferdinand. **Resumo da história literária do Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da "raça branca". 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. v. 1.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: História e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MBEMBE, Achilles. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018.
- OAKLEY, Robert John. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 240 p.

PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto**: uma autobiografia literária. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. 200p.

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a Ideia de Nação no Brasil (1830-1870)**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 287 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 645 p.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Uma ideia moderna de literatura**: textos seminais para os estudos literários (1688-1922). Santa Catarina: Argos, 2011.

STAËL-HOLSTEIN, Madame de. **Da Literatura em suas relações com as instituições sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: PPGFIL-UFRRJ, 2023. 259 p. v. 1.

TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

TREECE, David. O indianismo romântico, a questão indígena e a escravidão negra. **Novos Estudos**. São Paulo, n. 65, p. 141-151. Março 2003. Disponível em: [https://novosestudos.com.br/wp-content/uploads/2017/05/10\\_o\\_indianismo\\_romantico.pdf.zip](https://novosestudos.com.br/wp-content/uploads/2017/05/10_o_indianismo_romantico.pdf.zip). Acesso em: 6 abr. 2023.